

Progestão



Brasília – 2009

Esta coleção foi editada para atender aos objetivos do Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares e sua reprodução total ou parcial requer prévia autorização do CONSED.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Grosbaum, Marta Wolak

Progestão : como promover o sucesso da aprendizagem do aluno e sua permanência na escola?, módulo IV / Marta Wolak Grosbaum, Claudia Leme Ferreira Davis ; coordenação geral Maria Aglaê de Medeiros Machado. -- Brasília : CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.

Bibliografia

ISBN 85-88301-01-6

ISBN 85-88301-10-5

1. Aprendizagem 2. Avaliação educacional 3. Ensino 4. Escolas – Administração e organização 5. Pedagogia 6. Prática de ensino I. Davis, Claudia Leme Ferreira. II. Machado, Maria Aglaê de Medeiros. III. Título. IV. Título: como promover o sucesso da aprendizagem do aluno e sua permanência na escola?.

01 - 0710

CDD - 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Aprendizagem: Sucesso escolar : Educação 370

CONSED

SDS Centro Comercial Boulevard Bloco A/J 5º andar sala 501

Telefax: (061) 2195 8650

CEP: 70391-900

Brasília/DF

www.consed.org.br

consed@consed.org.br

Módulo IV

Como promover o sucesso da
aprendizagem do aluno e sua
permanência na escola?

Progestão

Autores deste módulo

Claudia Leme Ferreira Davis
Marta Wolak Grosbaum

Coordenação geral

Maria Aglaê de Medeiros Machado

Consultores técnicos

Marlou Zanella Pellegrini
Kátia Siqueira de Freitas
Ceres Maria Pinheiro Ribeiro

Consultor em educação a distância

Jesús Martín Cordero
Universidad Nacional de Educación a Distancia – UNED – Espanha

Coordenação e produção de vídeo

Hugo Barreto
Fundação Roberto Marinho

Supervisão de projeto gráfico

Renato Silveira Souza Monteiro

Coordenação do Progestão

Lílian Barboza de Sena
CONSED

Assessoria técnica

Hidelcy Guimarães Veludo
CONSED

Revisores

Irene Ernest Dias
Jorge Moutinho

Projeto gráfico

BBOX design

Diagramação

Caju Design

Sumário

Apresentação	7
Objetivos gerais.....	8
Mapa das unidades	10
Unidade 1	
Ensinar e aprender na escola: o que sabemos hoje?	
Introdução.....	15
Objetivos específicos	15
Resumo.....	34
Leituras recomendadas.....	34
Unidade 2	
Trabalho pedagógico:aí está o foco!	
Introdução.....	39
Objetivos específicos	40
Resumo.....	61
Leituras recomendadas.....	61
Unidade 3	
Prática pedagógica:todo cuidado é pouco!	
Introdução.....	65
Objetivos específicos	65
Resumo.....	84
Leituras recomendadas.....	85
Unidade 4	
Avaliação: prática a favor dos alunos ou contra eles?	
Introdução.....	89
Objetivos específicos	89
Resumo.....	108
Leituras recomendadas.....	108
Resumo final.....	111
Glossário	111
Bibliografia	112



Apresentação

Prezado(a) Gestor(a),

Uma boa escola é aquela que promove a aprendizagem* de todos os seus alunos e lhes assegura uma trajetória de sucesso. Essa meta pode ser atingida se você contar com subsídios efetivos que possam ajudá-lo a transformar a intenção em realidade. Este Módulo pretende cumprir essa função, relembrando alguns aspectos pedagógicos tidos como centrais para se fazer uma gestão escolar em que a prioridade esteja na construção, por parte dos alunos, de novas e mais elaboradas formas de pensar, sentir e atuar, principal razão de ser da educação.

Trataremos aqui, especialmente, de questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de modo que, ao realizar leituras e as atividades propostas, você possa encontrar novos caminhos para pensar a gestão pedagógica da escola e, também, maneiras de superar os problemas que se apresentam. Nosso objetivo é fazer com que todos os alunos permaneçam na escola, progredindo a cada dia.

Este Módulo tem a seguinte estrutura:

Unidade 1

Ensinar e aprender na escola: o que sabemos hoje?

Nesta Unidade, você verá como a relação desenvolvimento-aprendizagem é tratada pelas principais correntes psicológicas, as condições em que ocorre a aprendizagem de seus alunos e o que pode favorecê-la no âmbito da escola. Com esse pano de fundo, você estará em condições de analisar e tomar decisões relativas a questões de ensino e aprendizagem, porque terá construído uma visão mais ampla sobre elas.

Unidade 2

Trabalho pedagógico: aí está o foco!

Você analisará nesta Unidade o trabalho pedagógico, visando identificar não só suas metas como os principais aspectos a serem contemplados em sua organização. No final, você identificará a importância do papel do gestor como articulador do trabalho da equipe escolar na busca coletiva de soluções apropriadas ao contexto de sua instituição.



Unidade 3

Prática pedagógica: todo cuidado é pouco!

Nesta Unidade, você identificará a importância de organizar a sala de aula. Passará a ter elementos para avaliar como é delicada a interação* entre dois componentes básicos do processo de ensino e aprendizagem – professor e alunos – para se alcançar o conhecimento. Assim, poderá atuar no sentido de criar condições para que a relação aluno–professor–conhecimento seja rica, gratificante e proveitosa para todos os envolvidos.

Unidade 4

Avaliação: prática a favor dos alunos ou contra eles?

Você verificará, nesta Unidade, como as concepções de avaliação criam mitos* que podem ser extremamente prejudiciais ao processo de ensino e aprendizagem, podendo identificar caminhos que evitem armadilhas que se voltam contra o aluno e o professor. Os processos de avaliação devem ganhar nova dimensão, pois sem eles não é possível construir uma escola democrática.

Com o estudo deste Módulo, você estará preparado para exercitar as habilidades pedagógicas na gestão da escola, destacando as metas de ensino-aprendizagem. Afinal, o que nós queremos é assegurar o progresso de todos os alunos e sua permanência bem-sucedida no espaço escolar.



Objetivos gerais

Este Módulo pretende promover a aprendizagem de todos os alunos, levando-os a permanecer com sucesso na escola. Para tanto, será preciso:

- ★ Priorizar, na gestão de sua escola, a dimensão pedagógica do trabalho escolar, de modo a promover a função social da instituição.
- ★ Identificar os aspectos pedagógicos que possam ajudar nas decisões quando se tratar de tornar mais eficientes as situações de ensino-aprendizagem.

mapa das unidades

Unidade 1

Ensinar e aprender na escola: o que sabemos hoje?

Objetivos específicos

- ★ Identificar como a relação entre desenvolvimento e aprendizagem é vista pelas diferentes correntes psicológicas.
- ★ Relacionar os princípios básicos que orientam a prática pedagógica contemporânea.
- ★ Destacar a motivação* como fator central na escola de qualidade.

Conteúdos

- ★ Desenvolvimento e aprendizagem.
- ★ Correntes psicológicas e posturas diante da relação entre desenvolvimento e aprendizagem.
- ★ Concepções de ensino e aprendizagem.
- ★ Princípios da aprendizagem.
- ★ Motivação.

Unidade 2

Trabalho pedagógico: aí está o foco!

Objetivos específicos

- ★ Identificar os aspectos essenciais para o bom desempenho da escola.
- ★ Estabelecer as metas a serem contempladas na organização do trabalho pedagógico.
- ★ Relacionar as condições que favoreçam a construção de conhecimentos.
- ★ Relacionar o trabalho escolar com o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.
- ★ Destacar os aspectos centrais da legislação que tratam do trabalho pedagógico e de sua organização.
- ★ Definir o papel do(a) gestor(a) no desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade.

Conteúdos

- ★ O trabalho coletivo na escola.
- ★ A organização do trabalho escolar: o ensino, o tempo e o espaço.
- ★ Currículo* e interdisciplinaridade*.
- ★ A LDB e a organização do trabalho pedagógico.
- ★ O papel do(a) gestor(a) na condução do trabalho pedagógico da escola.

Unidade 3

Prática pedagógica: todo cuidado é pouco!

Objetivos específicos

- ★ Identificar formas de organizar o trabalho pedagógico em sala de aula, de modo a atender às necessidades de seus alunos.
- ★ Lidar com a diversidade de questões que surgem na sala de aula, estabelecendo prioridades e intermediando e resolvendo conflitos, sempre que eles surjam na relação professor-aluno.

Conteúdos

- ★ Organização da sala de aula.
- ★ Dinâmica da sala de aula e interação professor-aluno e aluno-aluno.
- ★ O trabalho diversificado*.
- ★ O impacto das representações na relação pedagógica.
- ★ O papel da linguagem*.

Unidade 4

Avaliação: prática a favor ou contra os alunos?

Objetivos específicos

- ★ Identificar o processo de avaliação da aprendizagem* como um instrumento de gestão.
- ★ Apontar os mitos que em sua escola cercam a avaliação e indicar caminhos que ajudem a derrubá-los.
- ★ Analisar, na LDB, a importância da avaliação em uma escola efetivamente democrática.

Conteúdos

- ★ Avaliação como instrumento de gestão.
- ★ Mitos que cercam a avaliação.
- ★ Avaliação e legislação.

1

Ensinar e aprender na escola: o que sabemos hoje?



Introdução

Para que a escola cumpra sua função de facilitar o acesso ao conhecimento e promover o desenvolvimento de seus alunos, é preciso que todos estejam de acordo sobre a maneira como se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, deve-se identificar o papel ativo do sujeito na apropriação e na construção de seu próprio saber, posicionando-se contra formas de ensino ditas tradicionais, nas quais cabe aos estudantes apenas receber do professor o conhecimento em uma versão considerada pronta. Ao adotar uma nova postura diante do ensino, é necessário conhecer os pressupostos básicos de construção de conhecimentos na escola, bem como os fatores que facilitam a aprendizagem daqueles que a frequentam.



Objetivos específicos

No final desta Unidade, você deverá ser capaz de:

1. Identificar como a relação entre desenvolvimento e aprendizagem é vista pelas diferentes correntes psicológicas.
2. Relacionar os princípios básicos que orientam a prática pedagógica contemporânea.
3. Destacar a motivação como fator central na escola de qualidade.

Todo mundo espera que a escola faça diferença na vida de seus alunos. Isso quer dizer que queremos que todo estudante saia da escola diferente de como nela entrou: que saiba mais sobre si e sobre o meio físico e social; que pense a respeito da realidade a sua volta; e que consiga discernir, no ambiente em que vive, o justo do inaceitável, agindo de maneira coerente e consequente. Esse é o motivo pelo qual se procura uma escola que promova o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral de seus alunos. Para que isso

ocorra, a equipe escolar, liderada pelo diretor, deve perceber como se dão as relações entre desenvolvimento e aprendizagem.

★ ★ ★ ★



Atividade 1

Desenvolvimento e aprendizagem: o valor da ajuda do professor

🕒 5 minutos

Suponha que um dia você esteja passando perto de duas professoras e ouça a seguinte conversa:

Lia – Não me diga que você ficou com o Julinho na sua classe! Ele é um menino muito difícil, que vive no mundo da lua, parece até que não sabe para que serve a cabeça. Confesso que no ano passado, quando ele era meu aluno, eu desisti de ensinar Matemática para ele. Como ensinar quem não tem capacidade para aprender? Sei lá, acho que ele não se desenvolveu direito, como todo mundo.

Raquel – Sabe que quando eu conheci o Julinho eu também tive essa impressão? Mas decidi trabalhar com ele de forma mais individualizada e, apesar de ser tão miudinho, sabe que me espantei com os progressos que ele fez? Nas minhas aulas, acompanhando-o de perto, fui conhecendo melhor sua maneira de ser e de raciocinar. Aí eu percebi que poderia dar várias pistas para ajudar o Julinho a aprender Matemática. Pouco a pouco, ele foi percebendo os conteúdos em que tinha mais facilidade, quais eram mais difíceis. Foi identificando seus pontos fortes e fracos, aprendendo a usar melhor seus talentos e, também, a enfrentar suas dificuldades. Sabe que foi um custo fazer com que ele entendesse que perguntar não é vergonha e só erra quem faz? Só sei que, com tudo isso, a postura do Julinho mudou: presta atenção, participa, coopera com a classe. É como se cada vez ficasse mais fácil para ele aprender alguma coisa! E, claro, acabou ficando muito mais fácil ensiná-lo, não é?

Ouvindo essa conversa, com qual professora você concordaria? Justifique a sua resposta:

Eu concordo com a professora
porque acho que:

.....

.....

.....

.....

Comentário

Se você concorda com a professora Raquel, tem toda a razão do mundo. Uma professora competente sabe que sua ajuda é fundamental para que os alunos aprendam. Aprendendo, eles também se desenvolvem, podendo, dessa forma, aprender mais. Observe que Raquel conseguiu vencer seu preconceito inicial de que crianças "miudinhas" enfrentam mais dificuldades para aprender. Esta é uma boa lição: a aparência física nada diz sobre as possibilidades de aprendizagem dos alunos. Faça como ela: mostre à sua equipe, com convicção, que todos os alunos são capazes de aprender.



Vladimir Fernandes

Se você concordou com Lia, no entanto, é preciso rever sua concepção de ensino e aprendizagem, de modo a levar seus professores a construir uma prática pedagógica que valorize as possibilidades dos alunos de aprender e se modificar, ou seja, se desenvolver. Lendo o texto a seguir, você vai perceber a razão.



Um pouco de teoria não mata ninguém

As teorias sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem divergem. De um lado, há os behavioristas, que acreditam que o ambiente em que vivemos é a variável mais forte na formação dos seres humanos. Os adeptos dessa visão não negam a existência de fatores internos (próprios do sujeito) conduzindo ao desenvolvimento, mas acham que o importante são os fatores externos, presentes no meio em que vivemos. Assim, não acreditam que seja necessário falar em desenvolvimento e, muito menos, em relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Os behavioristas acreditam na aprendizagem e argumentam que toda vez que aprendemos também nos desenvolvemos.

De outro lado, há os interacionistas, que acreditam na relação estabelecida entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. Para eles, tanto fatores internos (do desenvolvimento) como fatores externos (próprios do meio) são importantes. Um grupo importante deles, os piagetianos, supõe que a formação dos seres humanos resulta da ação do sujeito sobre o ambiente em que vive. Os adeptos dessa visão consideram o desenvolvimento e a aprendizagem importantes, mas ressaltam que, para haver aprendizagem, é preciso que os alunos já tenham conquistado um certo nível de desenvolvimento. Sem ele, não é possível aprender. Nesse sentido, a aprendizagem segue o desenvolvimento.

Existem também os sociointeracionistas, que, apoiados em Vygotski, defendem a idéia de que nos tornamos sujeitos humanos apenas na interação com outros seres humanos. De outra forma, seríamos tão-somente membros da espécie humana, mas não necessariamente aprenderíamos a falar, expressar sentimentos, usar roupas, seguir uma religião, construir teorias etc. Nosso pensamento e nossas emoções seriam certamente afetados, caso não vivêssemos em sociedade. Nessa medida, eles dão um forte peso ao papel da dimensão social, ou seja, à presença do outro em nossas vidas. Defendem, ainda, a presença de uma íntima relação entre desenvolvimento e aprendizagem e invertem a direção indicada pelos piagetianos. Para os sociointeracionistas, a aprendizagem promove o desenvolvimento na medida em que desperta e completa algumas de suas funções que, de outra forma, não se fariam presentes. Assim, a aprendizagem precede o desenvolvimento na medida em que, ao aprender, construímos novos níveis de desenvolvimento.

Nessa última abordagem, desenvolvimento e aprendizagem não são processos estanques; ao contrário, há entre eles relações dinâmicas e complexas, um promovendo e dando sustentação ao outro. Para que desenvolvimento e aprendizagem ocorram, torna-se necessário que o indivíduo interaja com as pessoas à sua volta. É, portanto, por meio da relação interpessoal que se tem acesso à experiência coletiva, o que leva à reorganização, à reformulação e à ampliação do próprio conhecimento. Novas informações, ao mesclarem-se com as antigas, geram conhecimentos que incentivam o desenvolvimento.

Uma noção importante do sociointeracionismo* é a de que toda criança apresenta dois níveis de desenvolvimento. Um deles diz respeito àquilo que ela já alcançou e o outro, ao que pode vir a alcançar caso receba estímulo e apoio. Para os sociointeracionistas, o bom ensino é aquele que incentiva o aparecimento de novas formas de pensar, sentir e perceber o real, permitindo aos alunos acesso a novos níveis de aprendizagem. Um ensino adequadamente organizado "puxa para a frente" o desenvolvimento dos alunos, promovendo-o.

Ao assimilar esse conceito, o professor sabe que vale a pena investir no crescimento intelectual de seus alunos, dando-lhes ajudas diferenciadas, de modo que eles passem a fazer sozinhos aquilo que antes só faziam com o auxílio do docente. Essa visão valoriza, especialmente, a ajuda do professor, ressaltando sua importância na formação de crianças e jovens.

O quadro a seguir resume as diferentes visões sobre o desenvolvimento e a aprendizagem:

Visões acerca da relação entre desenvolvimento e aprendizagem

Behaviorismo*	Construtivismo*	Sociointeracionismo
O desenvolvimento é igual à aprendizagem, de modo que não se pode falar de relação entre ambos.	Para que a aprendizagem ocorra, é preciso contar com um certo nível de desenvolvimento, de modo que a aprendizagem está sempre a reboque do desenvolvimento.	A aprendizagem estimula e fomenta processos de desenvolvimento que, uma vez realizados, criam novas possibilidades de aprendizagem.

Tem gente fazendo...

O Colégio Estadual Professor Olavo Cecco Rigon, de Santa Catarina, atende 2.800 alunos. Lá, depois de bastante reflexão, foi adotada a postura sociointeracionista. Observe o que diz seu gestor, Antonio Bringhenti:

A escola, por meio de estudos e debates, assume a concepção de ensino-aprendizagem sociointeracionista, quer dizer: o conhecimento é construído pela interação do sujeito com o meio social, e a sua apropriação se efetiva por meio da articulação entre os conceitos cotidianos e científicos. A escola tem o papel central de promover a construção do conhecimento, garantindo ao aluno o acesso ao saber sistematizado e à formação de atitudes e habilidades, proporcionando condições para o exercício da cidadania plena e a construção de uma sociedade mais justa.

Na prática, essa postura transparece na respeitosa relação interpessoal de adultos, jovens e crianças; na preocupação em promover ações para manter bem alta a auto-estima de todos, utilizando muitos elogios como forma de incentivo; e em um ensino bem planejado, que leva em conta tudo o que os alunos já sabem, buscando estabelecer pontes entre os conhecimentos prévios e os novos.



Atividade 2

Desenvolvimento e aprendizagem: uma relação fundamental

🕒 5 minutos

Ao realizar esta tarefa, você terá a oportunidade de rever as diferentes visões sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, identificando sua própria concepção a respeito desta complexa questão. Vá em frente: é gostoso tomar consciência do que pensamos!

A) Leia estas frases com atenção:

- a) Meus alunos podem aprender qualquer coisa, desde que eu planeje bem o meu ensino.
- b) Para aprender, é preciso que os alunos já tenham alcançado um certo grau de desenvolvimento.
- c) Todo aluno aprende e, conseqüentemente, se desenvolve, se contar com bons professores.

Você deve ter ouvido afirmações desse tipo muitas vezes. Cada uma delas revela uma concepção da relação mantida entre desenvolvimento e aprendizagem.

B) Selecione a frase que melhor exprime sua visão sobre esse assunto. Por que você acha que adotou essa concepção?

.....

.....

.....

.....

Comentário

As teorias refletem concepções filosóficas a respeito do mundo e, como tal, não são nem certas nem erradas. Mas como somos professores, a nossa visão – que não precisa ser a sua – nos leva a encarar o ensino como algo que realmente interfere no desenvolvimento. Quando alguém aprende algo novo, é como se conquistasse uma posição melhor, um outro nível, para aprender outras coisas. Nesse sentido, nossa experiência mostra que a aprendizagem produz novos níveis de desenvolvimento.

Essa posição nos deixa mais livres para ensinar e estimular funções do desenvolvimento que ainda não se completaram, mas chegaram quase lá.

Para nós, o ensino, se bem organizado, impulsiona o desenvolvimento e leva as crianças e os jovens para a frente. Por isso é importante olhar com cuidado a relação professor-aluno e compartilhar responsabilidades, em especial se algo vai mal.

Se você tiver outras idéias, ninguém pode dizer que está errado. O importante é que você perceba as implicações de suas escolhas para a prática pedagógica. Quem endossa a visão construtivista acredita muito no fator maturação, de modo que tende a ensinar apenas o que acredita que o nível de desenvolvimento da criança lhe permite aprender. Isso pode colocar restrições à ação docente e ser uma ótima desculpa para explicar por que a criança não aprende: ainda é muito imatura!

Agora, se você tende mais para o behaviorismo, isso significa que não considera que os fatores internos – os do desenvolvimento – tenham papel central na aprendizagem: o olhar recai muito mais sobre o ambiente. Essa corrente, para explicar a aprendizagem, atribui um peso muito grande ao comportamento do diretor, do professor, do ambiente escolar, enfim. De novo, é possível escapar da responsabilidade de ensinar bem, dizendo: mas como fazer, se não contamos com condições mínimas para que isso ocorra? Aí a culpa pela ineficácia do ensino recai nas "precárias" condições em que se trabalha.

É tudo uma questão de crença, mas precisamos assumir suas consequências e nos responsabilizarmos por elas. Converse com seus professores e veja se você sabe como eles vêem a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Você pode ter surpresas!



Nova visão do aluno, nova visão de ensino

Todas essas abordagens tiveram repercussões sobre o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, é possível distinguir, hoje, entre posturas tradicionais e posturas mais atuais. Nas primeiras, o aluno é considerado um ser passivo, cujo papel é apenas o de escutar, repetir e reter o conhecimento dado pelo professor. Nas mais atuais, o aluno é visto como alguém que contribui para sua aprendizagem de forma ativa: seleciona, assimila, interpreta e generaliza informações sobre seu meio físico e social. Essa visão é radicalmente diferente da adotada por teorias tidas como tradicionais. A mudança na forma de compreender o papel do aluno implicou uma revolução na forma de conceber o ensino, alterando a postura do professor e da equipe gestora.

Antes, se ao professor cabia apenas transmitir o conhecimento de forma pronta e acabada para seus alunos, agora espera-se que ele seja o mediador* entre os alunos e o conhecimento a ser conquistado, facilitando sua aprendizagem. O principal papel do professor é, pois, o de orientar e guiar as atividades dos alunos, fazendo com que aprendam, progressivamente, o que

significam e representam os conteúdos escolares. Cabe-lhe, pois, articular o conhecimento dos alunos com o conhecimento culturalmente organizado, de modo que a próxima geração, conhecendo as conquistas das gerações anteriores, possa não só dar continuidade ao processo – construindo novos saberes – como elaborar um filtro próprio e vigoroso para se orientar. De igual maneira, aprender deixou de ser encarado como ato mecânico e repetitivo para ser entendido como um processo ativo, que requer a (re)construção tanto de novos conhecimentos como de formas de pensar e tomar decisões. A comparação que se segue resume os aspectos centrais do que foi dito.

Visão tradicional	Visão atual
Aluno passivo.	Aluno ativo.
Professor como detentor e transmissor do saber.	Professor como mediador: alguém que contribui ativamente para a aprendizagem do aluno.
Ênfase na memorização.	Ênfase na exploração e na descoberta.
Meta: recepção e retenção dos conteúdos da aprendizagem, sem incorporar necessariamente uma visão crítica do mundo em que se vive.	Meta: apropriação e compreensão dos conteúdos das aprendizagens, bem como desenvolvimento do raciocínio e do pensamento.

Os dez princípios da aprendizagem

Alguns princípios podem ser considerados centrais no processo de ensino e aprendizagem de toda e qualquer criança ou jovem, de forma que, se forem seguidos, todos poderão aprender na escola. Destacamos os seguintes:

1. A história particular do aluno deve ser considerada no processo de ensino.

Isso quer dizer que é necessário que você mostre à sua equipe que as crianças e os adolescentes, quando chegam na escola, são muito diferentes, em razão de terem passado por experiências distintas ao longo de sua vida. Essas diferenças devem ser consideradas, de modo que possamos dar mais a quem precisa mais, fazendo da escola um espaço de equidade, ou seja, de maior igualdade. Por exemplo: se o aluno vem de uma zona rural e usa termos peculiares, vale a pena aproveitar a ocasião para diversificar seu vocabulário, sem desrespeitar a forma como usa a linguagem.

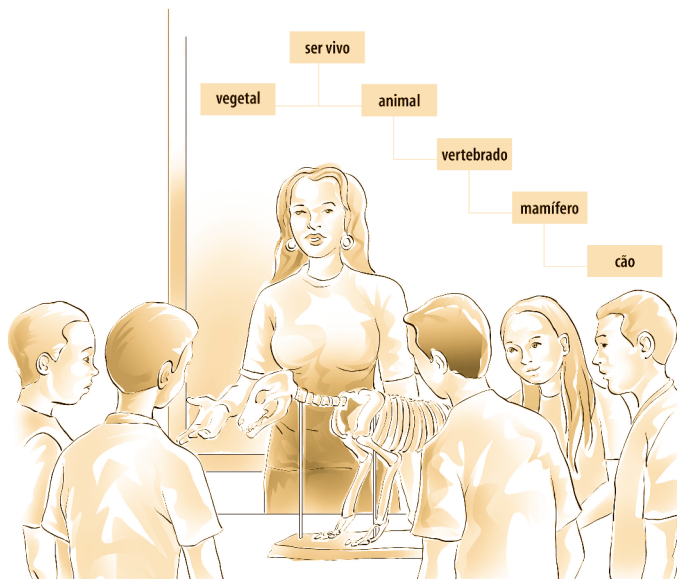
2. O autoconceito* do aluno influi em sua capacidade de aprender.

É importante que a equipe escolar saiba que cada um de nós, com base nas interações que mantemos com os outros, em especial com aqueles que nos são mais significativos, vai conhecendo suas possibilidades e seus limites e, também, valorizando alguns de seus aspectos e depreciando outros. A maneira como valorizamos o que conhecemos a respeito de nós mesmos se chama autoconceito.

É por isso que o papel da professora, alguém central na vida de seus alunos, é importante. Sua atitude em relação aos alunos pode deixar marcas profundas na maneira como se vêem e se avaliam, de forma que o autoconceito pode ser positivo ou negativo. Quem tem um autoconceito negativo não consegue acreditar que é capaz de aprender e ter sucesso na escola. O autoconceito está, dessa maneira, estreitamente ligado à motivação para a aprendizagem.

3. A aprendizagem deve ser significativa, isto é, ser relevante para a vida do aluno e articular-se com seus conhecimentos anteriores.

Para que as aprendizagens sejam significativas, é preciso que a professora saiba programar atividades e criar situações adequadas que permitam articular os vários conceitos de uma disciplina com os conhecimentos prévios dos alunos. Dessa forma, a articulação dos novos conhecimentos com os antigos forma uma estrutura cognitiva – uma forma de pensar sobre si ou sobre o real – mais sofisticada e complexa. Por exemplo: a escola ensina o conceito de "mamíferos" e o aluno percebe que gatos, cachorros e vacas, que já fazem parte de sua vivência, nele se incluem. O novo conceito, mais abstrato, articulou-se com outros, mais antigos.



4. Aprender motiva mais quando o aluno já tem alguma idéia do que está sendo ensinado e foi informado sobre como os novos conhecimentos podem fazer sentido em sua vida.

Para o ensino se tornar efetivo, é preciso que ele seja motivador – e ele é motivador quando tem significado para o aluno. Todas as visões de ensino-aprendizagem concordam que a motivação é importante, mas a tradicional acredita que esse é um fator próprio do aluno, que depende pouco do que o professor faça ou deixe de fazer. Voltaremos com mais calma a este assunto, no final desta Unidade.

5. Elogios são uma arma poderosa para promover a aprendizagem dos alunos.

Os alunos são sempre motivados por elogios e recompensas, porque estes estimulam a construção de um autoconceito positivo. As oportunidades de incentivar os alunos devem ser aproveitadas. Mas não se esqueça: elogios precisam ser pensados e feitos em relação a cada pessoa de forma individualizada, pois a exigência colocada por uma determinada tarefa pode exigir, para alguns alunos, um grau de esforço reduzido e, para outros, um muito maior.

6. A aprendizagem vivenciada é duradoura.

Sempre que os alunos têm a oportunidade de exercitar seus conhecimentos, aplicando-os em atividades práticas, a aprendizagem fica mais sólida. Ninguém discorda disso.

7. As aprendizagens precisam se repetir para serem dominadas, mas a repetição deve se dar de forma interessante.

Uma certa dose de repetição é sempre necessária para fixar a aprendizagem. E se essa repetição for feita de forma variada, usando estratégias estimulantes e diversificadas, o aluno se manterá interessado.

8. A aprendizagem é mais sólida quando se conhecem os erros cometidos.

Continuar a aprender depende da consciência que se tem da natureza dos erros cometidos. Por isso é importante que a professora analise a resposta do aluno, fornecendo-lhe indicações claras e precisas acerca do que errou e de por que errou. Além disso, os erros dos alunos, se analisados pelos professores, podem ajudar na criação de estratégias de ensino mais adequadas, capazes de promover uma aprendizagem efetiva.

9. Quando o estilo cognitivo do aluno é entendido, ele pode aprender melhor.

Isso quer dizer que o professor precisa identificar os modos pelos quais cada aluno se apropria do conhecimento: se de forma impulsiva ou reflexiva; de maneira flexível ou rígida; se considera poucas ou muitas variáveis ao mesmo tempo. Diferentes abordagens podem ser empregadas no desenvolvimento dos conteúdos, de maneira a atender à forma como o aluno aprende. Por exemplo: o aluno de estilo impulsivo tende a responder a primeira coisa que lhe vem à

cabeça, sem parar para pensar. Caberá ao professor conduzir o ensino de modo a levar esse aluno a dedicar maior tempo a analisar o problema, a identificar seus aspectos centrais e a levantar as hipóteses mais plausíveis para sua solução.

10. "Aprender a aprender" é fundamental para que o aluno conquiste autonomia para continuar aprendendo.

Para isso, é preciso que o aluno participe do processo de aprendizagem, adquira consciência do que sabe e perceba que é capaz de aprender, preparando-se para continuar aprendendo. Quando isso se dá, ele estará apto a buscar sozinho a informação que lhe falta, a assimilá-la e a organizá-la, bem como a empregá-la em contextos adequados.

Agora você cumprirá uma série de tarefas. No final delas, estará em melhor posição para ajudar seus professores a exercerem uma prática pedagógica que leve todos os alunos a se saírem bem em seus estudos, permanecendo na escola e aprendendo sempre. Seu papel será ainda mais importante do que já é.

★ ★ ★ ★



Atividade 3

Enfrentando desafios: a cada problema de aprendizagem, sua solução

 5 minutos

Esta atividade e as duas seguintes o ajudarão a alcançar o objetivo 2 desta Unidade, que se refere aos princípios da aprendizagem.

Indique, com base no que leu, três fatores que, na sua escola, dificultam o processo de aprendizagem dos alunos. Seus professores vêm lidando bem com esses problemas? Proponha estratégias que os ajude a aprimorar sua prática pedagógica.

1º fator:

Para superar essa dificuldade, é preciso:

.....

.....

.....

2º fator:

Para superar essa dificuldade, é preciso:

.....

.....

.....

3º fator:

Para superar essa dificuldade, é preciso:

.....

.....

.....

Comentário

Consulte os princípios de aprendizagem e veja se suas respostas estão de acordo com o material lido. Procure checar, especialmente, se as estratégias selecionadas para a superação das dificuldades verificadas, em sua escola, contribuem efetivamente para o progresso dos alunos em seu processo de aprendizagem.

★ ★ ★ ★



Atividade 4

Verdade ou mentira? Identificando os fatores ligados ao bom ensino

🕒 5 minutos

Entre as afirmativas a seguir, assinale três que você considere fundamentais para um ensino bem-sucedido:

- a) Toda atividade da criança deve ser sempre elogiada.
- b) Elogios e recompensas devem ser específicos para cada aluno.
- c) A crítica é o melhor motivador para a aprendizagem.
- d) Acertos devem ser sempre elogiados.
- e) O esforço do aluno deve ser constantemente valorizado.

Comentário

De todas as afirmativas anteriores, as únicas que você não pode assinalar são a **a** e a **c**. A **a** não auxilia a promover um bom ensino, porque o elogio deve ser algo significativo e não feito a qualquer momento, nem por qualquer coisa. Se for assim, receber um elogio passa a ser fato banal e seu poder de motivar o aluno deixa de existir. Elogios devem ser dados com parcimônia, apenas para aquelas tarefas que revelarem esforço por parte do aluno. Claro que o professor não deve deixar de mencionar o acerto, mas também deve deixar claro que sabe que o aluno pode fazer mais e melhor. No caso da alternativa **c**, se é verdade que as críticas podem constituir um desafio a ser superado, elas estão longe de ser a maneira mais produtiva de

motivar os alunos. Dependendo da forma como são feitas e de sua frequência, podem comprometer o autoconceito, desmotivar o aluno e fazer com que ele deixe de se interessar pelos estudos.

★ ★ ★ ★



Atividade 5

Tornando-se um craque: relembrando os princípios da aprendizagem

 10 minutos

Indique os princípios de aprendizagem que a professora usou adequadamente (ou deixou de utilizar) ao dizer:

2) – Menino, escreva dez vezes, para não se esquecer, o nome da capital do nosso estado!

.....

.....

.....

.....

Comentário

A professora usou inadequadamente o princípio 7. É verdade que uma certa dose de repetição ajuda a reter a aprendizagem, mas a forma escolhida foi desastrosa. Por ser monótona, o aluno acaba por perder o interesse na tarefa e por realizá-la de maneira mecânica. É esse o motivo pelo qual é preciso fazer também da repetição uma atividade interessante. Selecionar um texto coerente, no qual o aluno complete espaços em branco com o nome da capital de seu estado, selecionando-o dentre várias alternativas, seria muito mais interessante e cumpriria a mesma função: levar o aluno a memorizar algo tido como importante.

b) – Hoje seria aula de História, mas como a bagunça está grande, vou considerar a matéria dada. Vocês que se virem, porque vou seguir em frente.

.....

.....

.....

.....

Comentário

A professora, ao considerar a matéria dada, errou duas vezes. Em primeiro lugar, esqueceu-se do princípio **3**, segundo o qual é necessário planejar bem o ensino, articulando conceitos antigos com os novos. Ao considerar a matéria dada, quebrou a sequência prevista para a aprendizagem e perdeu a ocasião de mostrar a relação dos conhecimentos ensinados com aqueles que os alunos já tinham. Procedimentos como esse são extremamente inadequados para a formação de um pensamento sólido. Perdemos todos se não contarmos com indivíduos que apresentam um raciocínio elaborado, que permita a resolução de problemas complexos. A professora ignorou também o princípio **5**, no qual se afirma que castigos não constituem incentivos para aprender.

c) – Adorei! Acho que agora você está se esforçando e aprendendo!

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

A professora fez um bom uso do princípio **5**, segundo o qual elogios são o melhor meio de incentivar a aprendizagem dos alunos, porque os ajuda a construir um autoconceito positivo. Demonstrou, ainda, que estava acompanhando de perto o rendimento do aluno e, por isso, foi capaz de perceber que aquele era um momento adequado para premiar o esforço empreendido.

d) – Eu não quero saber por que você não estudou! Isso é problema seu!

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

A professora, nesse caso, descuidou-se do princípio **1**, ou seja, de levar em conta a história particular do aluno. Cabia perguntar-lhe os motivos pelos quais não tinha estudado, para só depois decidir a maneira de evitar que o fato viesse a se repetir. Além disso, se um aluno não estuda, o problema não é só dele: é de sua família, de sua professora, da escola e da sociedade! Todos precisamos de cidadãos bem formados e, para isso, nossos alunos precisam estudar. Mas só podemos decidir o que fazer – e, por certo, algo precisa ser feito – após considerarmos as causas do problema.

c) – Vamos refazer juntos essa conta, com a ajuda dos grãos de feijão, para ver se você acertou ou não!

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

A professora seguiu o princípio **8**, segundo o qual o aluno aprende melhor quando fica sabendo se foi bem sucedido e quais os erros que cometeu. Ao retomar a conta e ao utilizar material concreto, a professora está criando condições para que o aluno continue a aprender e, mais ainda, tome consciência da natureza dos erros que cometeu.

• • •

Motivação: criando interesses e despertando a curiosidade

Em geral, os professores relatam que sentem muitas dificuldades em dois casos específicos, ambos diretamente relacionados à motivação. A primeira está em como despertar a curiosidade dos alunos para temas e tarefas que precisam ser tratados ao longo de cada série. A segunda, em como deixar claro que esses são assuntos importantes, que precisam ser aprendidos. Dar um fim a esses problemas é algo que o gestor pode fazer: os professores, os alunos e as suas famílias vão agradecer muito por isso. Todos sabem que é preciso remover esses problemas para que a escola possa preparar seus alunos para aprenderem pela vida afora. Para conseguir alunos assim, os professores devem despertar o interesse da classe e motivá-la sempre a

construir novos conhecimentos. Pouco a pouco, esse papel – que, no início, compete aos docentes – vai sendo incorporado pelos alunos e acaba por se tornar algo como uma segunda pele, um modo de ser e de se comportar na vida.

Mas como conseguir isso? Essa não é uma questão simples de responder, basicamente porque envolve conhecimento, empenho e força de vontade – e tudo isso depende, em muito, do auxílio da escola. Estamos falando de um conhecimento muito especial, que diz respeito à compreensão de si mesmo, das estratégias de aprendizagem mais eficientes, da matéria e do contexto no qual ela pode ser aplicada. Se esse conhecimento for garantido, então teremos meio caminho andado, porque fica mais fácil assumir o compromisso de aprender e de persistir na tarefa sem sair do rumo. Por isso, é importante que os professores ajudem seus alunos a:

1. Conhecer a forma pela qual aprendem; distinguir o que é fácil do que é difícil; aprender a lidar com as próprias dificuldades; identificar seus interesses e talentos; fazer o melhor uso de seus pontos fortes.
2. Saber o mais que puder sobre o assunto tratado, pois quanto mais se domina um tema, mais fácil é aprender sobre ele; entender que diferentes assuntos requerem diferentes abordagens; construir um repertório grande, variado e flexível de estratégias de aprendizagem.
3. Pensar sobre o contexto em que os conhecimentos serão aplicados, estabelecendo objetivos para o seu emprego com base nos resultados esperados.
4. Valorizar o que estão aprendendo e estudar porque acham importante; quando se estuda para agradar aos professores, aos pais, ou mesmo para obter nota ou passar de ano, não se conhecem, exatamente, os motivos pelos quais a aprendizagem é importante.
5. Proteger-se de distrações, do sono e da preguiça e persistir no estudo, exercitando a força de vontade.

Como os professores podem fazer isso? Não é tarefa fácil, mas vamos sugerir algumas pistas que podem ajudar na construção de alunos que serão eternos aprendizes. Para conseguir alunos motivados e com força de vontade, alguns pré-requisitos são fundamentais:

- A sala de aula precisa ser razoavelmente organizada, de forma que se possa trabalhar com concentração.
- Os professores devem ser pacientes e competentes para lidar com os erros dos alunos.
- A aprendizagem deve ser desafiante, mas possível de ser alcançada.
- As tarefas precisam ser interessantes e valer a pena.

Garantido isso tudo, é importante que os docentes desenvolvam, em seus alunos, confiança em sua capacidade de aprender e expectativas elevadas quanto ao próprio desempenho. Para isso, compete começar o trabalho um pouco além daquilo que o aluno já consegue compreender e/ou realizar, deixando claro que ele vai contar com a ajuda do professor para atingir os objetivos da tarefa. Não vale comparar alunos entre si. É bem melhor estimular a autocomparação, porque a ênfase será muito maior na cooperação do que na competição. Cada indivíduo é único, é bom lembrar, e todos podem progredir com o auxílio valioso dos professores, se eles conseguirem mostrar aos alunos o valor e a importância da aprendizagem.



Stock Photos

Essa ajuda é especialmente valiosa se os professores conseguirem mostrar aos alunos o valor e a importância da aprendizagem. E sabe como se faz isso? Associando a tarefa com as necessidades da classe, com os interesses dos alunos. Cabe, aqui, usar livremente a criatividade e colocar a imaginação para funcionar, tudo para despertar a curiosidade: tornar a tarefa divertida, abusar tanto da novidade como do familiar, explicar as relações entre os conteúdos em estudo e a vida futura e, claro, elogiar, elogiar e elogiar, toda vez que os alunos fizerem progressos genuínos.

Quando a questão é motivar, o auxílio do professor serve para mais uma coisa: ensinar que só se aprende quando se trabalha de forma persistente e com concentração. Como se faz isso? Mostrando que é tentando que se aprende; que diferentes abordagens podem ser utilizadas, testadas e descartadas. Os alunos precisam ter a convicção de que aprender é algo que sempre desperta novas questões e, portanto, levanta novos problemas. Quem disse que aprender é fácil?

Por isso, lembre seus professores de que ninguém gosta de se sentir embaraçado porque errou. Errar é parte do aprender, e há erros que mostram para o professor que os alunos estão caminhando a passos largos. Quer um exemplo? Uma vez, queríamos saber qual era a noção de peso entre alunos da 4ª série, cuja idade estava em torno dos 10 anos. Nós apresentávamos para a classe três aquários, cada um com uma bolinha de pingue-pongue dentro. Em um deles, ela flutuava na superfície; no outro, ela se mantinha coberta até a metade pela água; e, no último, a bolinha estava totalmente submersa e encostava no fundo. Os alunos deveriam responder à seguinte questão: qual das bolinhas era mais pesada?

Você pode imaginar a resposta da maioria: que a bolinha mais pesada era aquela rente ao chão do aquário. Essa era, de fato, a resposta que esperávamos obter. Faz parte da experiência das crianças saber que aquilo que é mais pesado afunda. Mas chegou a vez de um menino que respondeu algo inesperado. Ele disse que a bolinha mais pesada era a que estava flutuando na superfície da água. E sabe por quê? Porque essa bolinha era tão pesada, mas tão pesada, que a lei da gravidade não a conseguiu puxar para baixo.

Agora nós perguntamos: você não acha que esse aluno, ainda que não dando a resposta esperada, merecia um cumprimento da nossa parte? Afinal, ele estava abrindo mão daquilo que seus olhos viam acontecer todo dia para seguir a hipótese de que a lei da gravidade não estava conseguindo atuar sobre a bolinha! Esse menino mostrou-nos, claramente, o que significa confiar na capacidade de aprender: ir contra tudo, inclusive o observável, para apostar no próprio pensamento. Aprendemos, também, que isso é autonomia no pensar: não ficar preso ao que parece ser e acreditar que podemos estar certos, mesmo quando as evidências são contra nós. Não é fantástico? E não é igualmente maravilhoso que existam professores que saibam promover esse sentimento de que podemos e devemos confiar naquilo em que pensamos? Faça de sua escola um lugar em que ousar seja regra, e não exceção.

★ ★ ★ ★



Atividade 6

Esses comentários... Analisando os efeitos sobre a aprendizagem



5 minutos

Esta atividade deverá ajudá-lo a ver como pequenas coisas podem pôr abaixo o seu empenho em fazer da escola um espaço de crescimento para alunos e professores. Ao refletir sobre o relato apresentado e realizar a atividade, você estará trabalhando o objetivo 3 desta Unidade.

Diferentes formas de agrupar as crianças podem ter um efeito muito positivo na aprendizagem. Além de organizar o trabalho, promovem interação social, cooperação e troca de pontos de vista. Uma professora, seguindo

essa orientação, montou grupos com base na competência das crianças. Ao explicar o que os alunos deveriam fazer, ressaltou: "O grupo da Ana Paula, que é mais lento, terá dificuldade para fazer isso". Quando a professora ainda estava diante do quadro, Pedro levantou a mão. Percebendo que o aluno queria fazer uma pergunta, ela disse: "Deixa primeiro eu acabar de explicar, porque logo depois vou ajudar os grupos mais fracos".

Como você analisa a estratégia de montar grupos dessa professora e seus comentários?

Para mim, essa professora...

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

Para nós, essa professora cometeu alguns erros. Em primeiro lugar, agrupou os alunos com base em seu desempenho, esquecendo-se de que trocas só são possíveis na diversidade. Em seguida, explicitou seu critério, algo que poderia ter passado despercebido, caso ela não deixasse escapar que "os lentos", bem como "os mais fracos", teriam problemas com a tarefa. Rotulou os alunos e, ao expor sua visão sobre eles, acabou por deixá-los embaraçados. Qual a consequência? O mais provável é que os alunos acabem por desacreditar de suas possibilidades de entender e de acompanhar o ritmo dos colegas. Ficam desmotivados, ou seja, perdem a vontade de aprender. O resultado é que passam a fazer outra coisa, mesmo que essa outra coisa seja não fazer nada. Isso nos lembra outra questão: de que adianta passar tarefas impossíveis de serem realizadas pela classe? Tarefas, como já dissemos, precisam ser desafiantes, mas passíveis de serem levadas a efeito por todos. Se você respondeu nessa direção, tudo indica que compreendeu bem o papel da motivação na aprendizagem.

• • •



Os temas tratados nesta Unidade devem tê-lo ajudado a aprofundar seu conhecimento sobre as principais teorias que tratam da relação entre desenvolvimento e aprendizagem: a behaviorista, a construtivista e a socio-interacionista. A importância de considerar que a aprendizagem escolar tem influência no desenvolvimento dos seres humanos foi também salientada. Ela não só valoriza a função da escola como mostra a importância da ajuda dos professores. Além disso, foram apresentados dez princípios de aprendizagem que são essenciais para conseguir levar os alunos a se apropriarem de conhecimentos, sentimentos e valores de sua sociedade. Finalmente, discutimos algumas estratégias para encorajar a motivação e, conseqüentemente, a aprendizagem.



Nos livros indicados a seguir, você poderá conhecer melhor a obra de Piaget, Vygotski e Skinner, os principais autores do construtivismo, do sociointeracionismo e do behaviorismo. Também poderá comparar suas teorias e verificar, em maior profundidade, qual delas combina melhor com suas próprias idéias. Terá acesso ainda a outros aspectos fundamentais para uma boa aprendizagem, como a questão da interação social em sala de aula e a motivação dos alunos. Temos certeza de que você gostará de nossas sugestões e de que elas serão de grande valia para seu trabalho.

COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação*. v.2. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

Manual de Psicologia da Educação bastante usado em cursos de graduação. Vale a pena dar uma olhada especialmente nas partes 1 e 2, que tratam, respectivamente, dos processos de aprendizagem e dos fatores intrapessoais do processo de ensino e aprendizagem.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. R. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1987.

Pequeno livro com linguagem bem simples, destinado aos alunos do curso de magistério em nível de ensino médio. Compara as teorias de Piaget e Vygotski, mostrando pontos de convergência e de desacordo. Pode ser um pouco simples demais para você, mas instrutivo para seus professores.

PIAGET, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

O autor discute aqui sua teoria, na qual a inteligência é entendida como nosso principal mecanismo de sobrevivência.

RAPAPPORT, C. R. et al. *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1984. 4v.

Essa pequena coleção apresenta, em linguagem acessível, as principais teorias sobre o desenvolvimento (da infância à adolescência). É uma leitura ilustrativa, que não pode faltar para um bom gestor.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Também é um manual de Psicologia da Educação. Recomendamos em especial a leitura da parte 4 do capítulo 11, "Motivação, ensino e aprendizagem". Sempre é bom ler sobre esse assunto, dada a sua importância nos processos de aprendizagem.



2

Trabalho Pedagógico: Aí está o foco!



Introdução

Para que a escola seja capaz de promover tanto o desenvolvimento como a aprendizagem de seus alunos, ela precisa se organizar. Isso implica um compromisso dos membros da equipe escolar com a clientela que frequenta a escola. É preciso que todos funcionem como uma orquestra em noite de estréia: todos afinados em torno de uma partitura e regidos pela batuta firme de um maestro que aponta como cada um participa para que o resultado seja harmônico. Na escola, esse maestro é você, gestor. E a partitura, sabe o que é? O projeto pedagógico da escola, um arranjo feito sob medida para seus alunos e que serve de referência para todos.

Quem tem de se adaptar: a criança à escola ou a escola à criança?





Objetivos específicos

Com o estudo desta Unidade, você poderá:

1. Identificar os aspectos essenciais para o bom desempenho da escola.
2. Estabelecer as metas a serem contempladas na organização do trabalho pedagógico.
3. Relacionar as condições que favoreçam a construção de conhecimentos.
4. Relacionar o trabalho escolar com o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.
5. Destacar os aspectos centrais da legislação que tratam do trabalho pedagógico e de sua organização.
6. Definir o papel do gestor no desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade.

★ ★ ★ ★



Atividade 7

Uma boa escola para todos



15 minutos

Você certamente tem trabalhado com empenho para que sua escola seja a melhor.

A) Liste as características de uma boa escola ou os "ingredientes" que compõem essa "receita".

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Certamente, você relacionou vários aspectos importantes, identificados com base em sua experiência.

B) Compare, agora, a sua lista com a sugerida a seguir:

- ★ Compromisso com a aprendizagem de todos os alunos.
- ★ Gestão participativa.
- ★ Competência profissional.
- ★ Condições propícias de trabalho.
- ★ Projeto pedagógico compartilhado.
- ★ Proposta curricular compatível com o perfil da clientela atendida.
- ★ Equipamentos e materiais de ensino-aprendizagem diversificados.
- ★ Ambiente que promove o desenvolvimento de todos.
- ★ Capacitação e reflexão continuadas.
- ★ Acompanhamento contínuo do processo de ensino-aprendizagem.

Sua escola conta com esses ingredientes? Se não dispõe de todos, quais ela já conquistou?

C) Escreva, abaixo, o que já foi conquistado de um lado e, do outro, os desafios a serem enfrentados:

Conquistas	Desafios
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	

D) Escolha, agora, dois desafios e indique suas possibilidades de sucesso e as dificuldades para transformá-los em conquistas:

Desafios	Possibilidades	Dificuldades

Comentário

Você acabou de fazer um balanço da situação da sua escola. Se houver oportunidade, refaça esta atividade junto com sua equipe e compare as respostas, anotando os pontos de semelhança e os de desacordo. Deve ficar claro para todos que há sempre uma distância entre o que temos e o que queremos. Para chegarmos aos nossos objetivos, é muito importante o desejo de mudança. Vontade: este é o elemento fundamental de uma equipe escolar que tem como foco de trabalho o aluno e reconhece que tudo que realiza sempre pode ter maior qualidade. Esse desejo está presente na equipe da sua escola?

• • •

Trabalho coletivo na escola

No Módulo III você já refletiu sobre o projeto pedagógico da escola como um trabalho compartilhado, uma construção coletiva, que traduz valores assumidos pelo grupo, suas intenções, seus objetivos em comum. Também estabelece prioridades e define o caminho da instituição. É o eixo condutor do trabalho da escola, esculpindo-lhe feição própria.

A construção do projeto é feita gradativamente: passo a passo, ele vai se estruturando e se ampliando, ganhando corpo e consistência. É um processo que, coordenado pelo(a) gestor(a), deve contar com a colaboração de todos os segmentos envolvidos na vida da escola. E por envolver tanta gente, com opiniões e posições variadas, é um processo que passa necessariamente por conflitos e divergências, até que consensos possam ser alcançados. Mas esse é ainda um período oportuno para sua equipe identificar as necessidades de estudo e reflexão sobre os diferentes aspectos da vida escolar. E também de ir retomando e revendo o projeto a cada passo, fazendo as reformulações que forem pertinentes.



Cada escola pode pensar e implementar o que for melhor para assegurar o sucesso de seu projeto. Entretanto, as decisões devem ser balizadas por cuidadosa análise de possibilidades e limites de cada unidade escolar. Ninguém consegue fazer tudo de uma só vez; portanto, é importante estabelecer prioridades a serem vencidas em cada etapa.

E o seu lugar nesse processo?

A presença de liderança, de coordenação, é indispensável na vida de uma equipe: alguém que tenha uma visão mais global da situação e que não perca de vista aonde se quer chegar; alguém que incentive o grupo a pensar, analisar, planejar e "pôr a mão na massa" para executar o que foi previsto; alguém que aponte a direção do trabalho a ser feito, ajudando e apoiando o grupo durante sua execução e levando cada um de seus membros a superar suas dificuldades. Essa pessoa será o mobilizador do trabalho coletivo, o grande articulador do processo de elaboração e desenvolvimento do projeto pedagógico da escola. A esta altura você já deve estar assustado, pensando: tudo isso só para mim? É, realmente sua tarefa é grande. Mas ela é – ou pode ser – extremamente gratificante, mesmo com a rotina diária estafante e a sua vontade, muitas vezes, de literalmente gritar por socorro.

Seu sucesso depende, com certeza, do empenho e do saber fazer pedagógico dos demais participantes da orquestra. Mas quando se trata de liderar o grupo, há um pedaço que é só seu e pelo qual você é o único responsável: a condução do grupo. É tarefa do líder propor atividades instigantes, provocadoras e, ao mesmo tempo, viáveis, para transmitir

confiança e imprimir uma perspectiva de sucesso. Isso significa que será preciso que você, como gestor, utilize todo o seu conhecimento e habilidade – e sobretudo sua persistência – para despertar o interesse e a vontade de todos.

Algumas de suas responsabilidades podem, em muitos casos, ser compartilhadas com o Conselho Escolar, o auxiliar de direção, o coordenador pedagógico ou mesmo um professor. Se você não tiver ajuda, sua tarefa ficará mais difícil. Por isso é importante desencadear um processo de mobilização que faça as coisas acontecerem: identificar parceiros, colaboradores que sejam capazes de contagiar outros, para a construção de um novo ambiente escolar. Sua atuação é fundamental na transformação da escola em um espaço vivo e atuante, no qual o foco central seja o aluno.

Tem gente fazendo...

A Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, do Rio Grande do Norte, ficou famosa. Uma das razões é que, nela, todo o trabalho – desde o administrativo até o pedagógico – é discutido por todos e as decisões refletem o resultado da conversa. Entre a comunidade, é feita uma análise cuidadosa de suas dificuldades e possibilidades, contrapondo duas perspectivas: "a escola que temos" e "a escola que queremos". Como resultado, há o compromisso de todos em sair da escola da realidade e caminhar com empenho e dedicação em direção à escola dos sonhos. É muito trabalho e ainda resta muito por fazer. Como indica a gestora da escola, entre as prioridades do momento destaca-se a necessidade de maior comprometimento de pais, alunos e professores com a melhoria do ensino e com o acompanhamento da aprendizagem dos estudantes.

★ ★ ★ ★



Atividade 8

Trabalho coletivo é interação

 5 minutos

Fazendo esta atividade, você perceberá qual a condição central para que sua escola construa soluções apropriadas a seu bom funcionamento. Lembre-se: as aparências enganam! Com essa dica ficou fácil, não é mesmo?

"Eu acabo por tomar todas as decisões sozinha, pois se for esperar a colaboração de todos, fica tudo atrasado. É muito complicado ouvir tanta gente. Melhor é ir tomando as providências e comunicando ao grupo as decisões. Assim fico mais tranquila, porque sei que as coisas estão andando..."

Você concorda com essa gestora? Por quê?

Comentário

Para um gestor dinâmico e consciente de sua responsabilidade, é bem difícil esperar que a equipe se mobilize para realizar em conjunto as mudanças necessárias para um melhor desempenho da escola e, consequentemente, de seus alunos. Contudo, é fundamental que você faça esse caminho com o grupo, ainda que em ritmo mais lento do que o desejável. Sem a adesão de todos, o trabalho escolar desanda e o sucesso dos alunos se esvai. Para que haja desenvolvimento e aprendizagem, é preciso que cada professor, com diferentes formas de atuar, dê a sua cota de trabalho, levando os alunos – e mesmo os docentes – a sentir que existem coesão de idéias e responsabilidades compartilhadas. Objetivos comuns fazem todos percorrer um só caminho; conteúdos escolares articulados impedem a fragmentação do ensino e promovem a aprendizagem significativa. Professores que trabalham visando desenvolver valores e atitudes comuns têm, certamente, maior impacto na formação do cidadão. Uma boa escola é constituída por uma equipe de profissionais envolvidos e comprometidos com seu ofício. Pensar junto possibilita transformar sonhos em realidade!



Organização do trabalho escolar

O entendimento que hoje se tem do trabalho escolar é de que a ênfase deve estar no processo de ensino-aprendizagem, finalidade maior de todo o esforço a ser despendido. Essa visão representa um novo olhar para a escola e, consequentemente, uma nova postura diante da clientela e do que deve ser realizado, pois subordina o caráter administrativo ao pedagógico. Afinal, a principal razão de ser da escola é a aprendizagem de todos os alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) trata a escola e o aluno com uma ênfase que não havia sido ainda dada pelas leis que a antecederam. Ao fixar diretrizes para a organização da educação nacional, sua principal característica é a flexibilidade. Com essa marca, indica tanto as regras comuns a serem observadas em todos os sistemas de ensino como, também, as diversas possibilidades de organização da escola e do trabalho escolar. Procura, genuinamente, atender às diferenças regionais e locais.

Dessa forma, a lei não só sugere algumas possibilidades de organização da escola como possibilita a adoção de outras alternativas, "sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar". Nesse sentido, responde a antigas reivindicações de educadores, que clamavam por maior autonomia, mais liberdade da escola na tomada de decisões. Entretanto, essa conquista, por si só, não parece ser suficiente; a autonomia não pode ser simplesmente decretada por lei. É preciso que ela seja construída e implementada no trabalho coletivo e diário de cada escola.



Atividade 9

Autonomia e projeto pedagógico



5 minutos

Realizando esta atividade, você estará trabalhando com os objetivos 1 e 2 desta Unidade.

A) Identifique o enunciado correto e mais completo:

Projeto pedagógico é:

- a) Uma oportunidade para a tomada de consciência dos principais problemas da escola.
- b) Um dos instrumentos por meio dos quais a autonomia da escola pode ser exercida.
- c) A solução para eliminar ou atenuar falhas detectadas na escola.
- d) Uma oportunidade para o gestor fazer prevalecer suas idéias no grupo.

B) Justifique sua resposta:

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

Por bastante tempo, os educadores das escolas públicas brasileiras se habituaram a aguardar instruções superiores a respeito dos passos a serem seguidos na escola. Com isso, muitos foram se acomodando, deixando de refletir sobre a realidade na qual trabalham, sobre as características da clientela que atendem e sobre o melhor caminho a seguir para garantir uma trajetória de sucesso para todos. Hoje, cada escola, ao definir o seu projeto pedagógico, tem aí o espaço para fazer escolhas – com base em alguns parâmetros – e tomar decisões que, se diferentes de outras unidades escolares, são provavelmente as mais indicadas para seus alunos. Essa delegação de poder decisório (e de responsabilidade) para a escola exige que ela mesma defina suas metas e o caminho que se propõe trilhar para alcançá-las. Por esse motivo, a afirmativa correta é a letra **b**. As afirmativas **a** e **c** estão incompletas, pois a tomada de consciência sobre os problemas da escola é só o primeiro passo de um projeto pedagógico. É preciso, ainda, que sejam identificadas as possibilidades de solucionar as dificuldades encontradas e definir as responsabilidades coletivas e pessoais para eliminá-las. A alternativa **d** é completamente equivocada! O projeto pedagógico é uma construção coletiva, na qual as idéias tidas pelo grupo como mais importantes estão contempladas. Continue alerta para o que estamos discutindo.



Organização do ensino

A LDB apresenta várias possibilidades para a organização da educação básica. Mas essas sugestões são dadas sempre com base na idéia de que cada sistema e cada escola têm suas peculiaridades e, por isso, devem adotar as alternativas que considerarem mais adequadas, privilegiando sempre as que melhor servirem aos interesses do processo de aprendizagem. Fica evidente, assim, que a lei segue o princípio da flexibilidade e não mais o da padronização. Com essa noção em mente, vamos ver quais os tipos de organização que a nova lei sugere:

- ★ Séries anuais ou períodos semestrais, que é ainda a forma de organização mais adotada em nossas escolas.
- ★ Alternância regular de períodos de estudos, com momentos de permanência na escola e de realização de atividades práticas no local de residência do estudante.
- ★ Grupos não seriados, organizados com base na idade, na competência ou em outros critérios.

- ★ Ciclos que ampliam o tempo de aprendizagem e redistribuem os conteúdos escolares, possibilitando aos alunos avanços sucessivos na apropriação dos conhecimentos. Neles, é possível tornar o ensino mais adequado ao ritmo e ao desenvolvimento dos alunos, assegurando-lhes condições de realizar, com sucesso, sua trajetória escolar. A proposta de organização do ensino em ciclos é, ainda, muito mal entendida por parcelas substanciais do professorado, que a confundem com simples promoção automática. A progressão continuada* nos ciclos, ao contrário da promoção automática, pressupõe apoio constante ao aluno, especialmente quando se percebe que ele está apresentando dificuldades. A escola deve, mais do que nunca, preocupar-se com a avaliação e nela investir, de modo a perceber o mais rapidamente possível quando algo vai mal. Sempre que se fizer esse diagnóstico e as dificuldades não forem superadas nas aulas regulares, cabe planejar outros meios de atender aqueles que apresentarem rendimento insuficiente.

Veja como algumas escolas têm enfrentado esse problema:

- ★ Criando a figura do monitor ou auxiliar de classe. Alguns alunos com bom aproveitamento escolar, ou que apresentam facilidade em alguma área específica, são orientados para realizar um trabalho de apoio a seus colegas (da mesma classe ou mesmo de outras séries).
- ★ Preparando material didático complementar para estudo dirigido, que o aluno pode realizar sozinho, sem depender do professor.
- ★ Firmando parceria com escolas de formação para o magistério, para contar com estagiários que auxiliem os professores.
- ★ Aproveitando o interesse de algumas mães em colaborar com o trabalho da escola, para apoiar os alunos em tarefas individuais ou em pequenos grupos, como na sala de leitura, por exemplo.



Vladimir Fernandes

Estudos de reforço e recuperação devem ser planejados, bem como, em alguns casos, programas específicos de aceleração de aprendizagem (para alunos com defasagem entre a idade e a série). O trabalho de reforço e recuperação da aprendizagem pode ser feito de três formas:

- ★ Contínua, como parte integrante do ensino que se desenvolve nas aulas regulares.
- ★ Paralela, ao longo do ano letivo e em horário diverso das aulas regulares.
- ★ Intensiva, em períodos especiais (férias ou recessos escolares).

Planejamento dos estudos de recuperação deve necessariamente incluir:

- ★ Organização do tempo e do espaço que atenda todos.
- ★ Escolha criteriosa de quem ministrará as atividades.
- ★ Contato com os pais, para lhes apresentar e explicar a proposta.
- ★ Trocas de informações quanto às dificuldades dos alunos com o professor da classe, a disciplina e o orientador dos estudos de recuperação.
- ★ Acompanhamento e avaliação constante do trabalho e dos resultados alcançados pelos alunos.

Todos os alunos têm direito a estudos de reforço e recuperação em todas as disciplinas em que o aproveitamento for considerado insatisfatório. Mas esses estudos devem, necessariamente, ser planejados de forma cuidadosa para que se superem, de fato, as dificuldades de aprendizagem. Não se trata, portanto, de trabalho formal, para atender apenas aos preceitos da lei. A questão é oferecer aos alunos novas oportunidades de alcançar sucesso na escola. Assumir o compromisso com a aprendizagem dos alunos, inclusive com a daqueles que, por alguma razão, não estão caminhando no ritmo esperado, demonstra o compromisso do professor e o empenho da escola em garantir, a todos eles, os meios necessários para que consigam o sucesso na aprendizagem.

A forma de organização do ensino é, em princípio, definida pelo sistema para as escolas de sua rede de ensino. Justamente por constituírem parte de um mesmo sistema, essas escolas precisam contar com uma organização básica comum. Assim, a organização do ensino deve basear-se nas diretrizes nacionais emanadas da LDB e do Conselho Nacional de Educação (CNE) e estar de acordo com as diretrizes locais, que podem vir do Conselho Estadual ou Municipal de Educação, bem como da Secretaria Estadual ou Municipal de Educação. É importante destacar, entretanto,

que à escola é assegurada uma parcela do poder de decisão, de modo que ela passa a contar com uma nova autoridade, desde que respeitados os dispositivos legais.

A modalidade de organização assumida pela escola deve constar de seu projeto pedagógico e ser explicitada em seu regimento. Note que o regimento perdeu seu caráter burocrático, adquirindo, ao lado do projeto pedagógico, uma nova dimensão: ele continua sendo o instrumento que organiza e disciplina as rotinas escolares, definindo normas e critérios que regulam seu funcionamento; mas agora faz isso articulando-se com o projeto pedagógico.

★ ★ ★ ★



Atividade 10

Mudanças na organização da escola e do ensino: mais um desafio

 5 minutos

Esta atividade deve auxiliá-lo a dar encaminhamento a situações em que há resistências às mudanças na organização do trabalho escolar. É importante ouvir todos os argumentos, mas demonstrar firmeza em suas idéias. A atividade relaciona-se ao objetivo específico 3.

Mais um dia de burburinho no corredor e agitação na sala dos professores. Um grupo de docentes está criticando a nova organização da escola: "Estão acabando com o ensino. Querem que os alunos passem de ano de qualquer jeito... sem aprender nada. Acabou-se o tempo da escola séria!" Como lidar com essa situação?

Registre a seguir, no máximo em três parágrafos, o que você faria diante disso:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

Mudanças geram inseguranças, muitas vezes camufladas por comportamento de resistência às inovações. Como trabalhar com isso? Será necessário perseverança, coragem, determinação e muita habilidade. Resistências sempre aparecem quando se está diante do novo. E sabe qual é o novo? É a sociedade como um todo tomando consciência de que a escola precisa dar conta de sua função, garantir aprendizagem para todos os alunos, de forma a construir cidadãos bem informados e competentes.

Sempre que houver resistências será preciso provocar a equipe escolar, dando início a um processo de reflexão. Um texto bem escolhido pode ser o mobilizador da discussão. Na falta dele, algumas perguntas podem servir de alavanca para o grupo começar a conversa: o que mais nos incomoda nas mudanças propostas? Será verdade que a escola andava muito bem sem elas? Como líder do grupo você enfrentará embates, divergências e, tenha certeza, não vai conseguir agradar a todos. Mas se você acredita na escola, encha-se de coragem e enfrente o problema. Não só essa geração de alunos como as futuras serão muito gratas a você, pois na "nova" escola eles terão de estudar para aprender, e não somente para tirar boas notas ou passar de ano.

★ ★ ★ ★



Atividade 11

Recuperação da aprendizagem: foi bem planejada?

🕒 5 minutos

Esta atividade destaca a importância do planejamento pedagógico para o processo de aprendizagem. É um bom exercício. Tente, pois você estará trabalhando com os objetivos 2 e 3 desta Unidade.

Na Escola José de Alencar, 13 alunos de 1ª série, sete de 2ª, oito de 3ª e cinco de 4ª série apresentavam dificuldades de aprendizagem. Os professores desses alunos diziam que eles não conseguiam acompanhar a turma. Alguns tinham dificuldade em Língua Portuguesa, outros em Matemática e outros, ainda, em Ciências. A coordenadora pedagógica buscou resolver os problemas tomando as seguintes medidas:

- ★ Localizou na escola uma sala vaga, no período da tarde.
- ★ Agrupou os alunos com dificuldades de aprendizagem.
- ★ Destacou uma professora para assumir esse grupo.

No fim de dois meses, os alunos não apresentavam progressos significativos. No seu entender, o que faltou para que esse programa desse certo? Como ele deveria ter sido conduzido?

Escreva pelo menos duas razões que indicam falhas das três medidas propostas para conduzir, com sucesso, o programa:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

No caso dessa escola faltou, como vimos anteriormente, o contato da nova professora com as demais, para definir o programa a ser desenvolvido com as referidas crianças e jovens. Não houve um encontro com os pais para esclarecer a proposta e solicitar apoio nem foi garantido acompanhamento sistemático do trabalho desenvolvido, que detectasse avanços e dificuldades. Se tudo isso tivesse acontecido, as possibilidades de sucesso teriam sido muito maiores. Se você acertou, isso mostra seu empenho. Caso contrário, releia o texto e veja onde está o problema. Daí, é só reescrever.

• • •

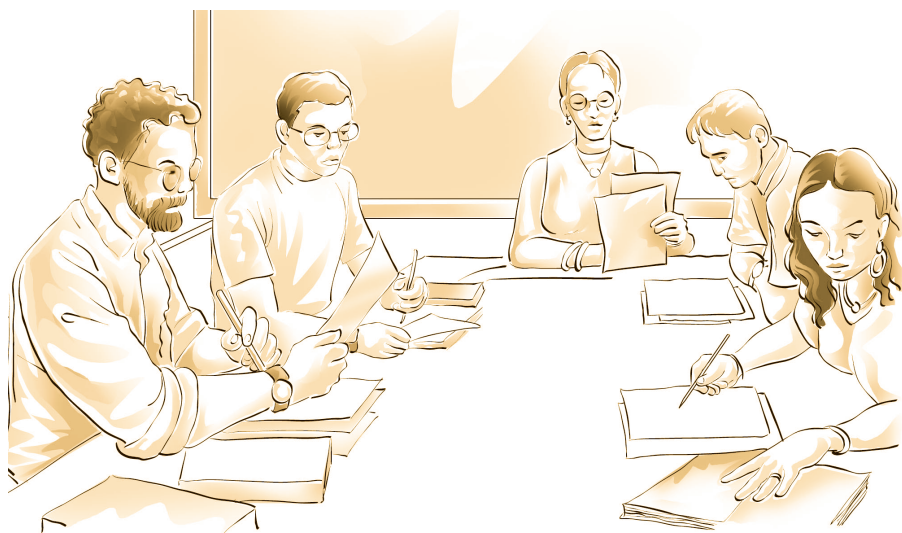
Organização do tempo

Algumas condições são de fundamental importância para se desenvolver e fortalecer o trabalho coletivo na escola. Contar com a iniciativa e a disposição dos participantes não basta. A escola precisa planejar com cuidado os encontros dos professores e organizar espaço e horários que favoreçam a sua realização. Além disso, os encontros dos docentes devem ter a regularidade necessária para se alcançar os resultados esperados. A composição dos grupos e a periodicidade das reuniões também precisam ser planejadas, de forma a não prejudicar o atendimento aos alunos. É possível que você não conte, de início, com a colaboração de todos os professores. Será preciso motivá-los e ouvi-los, tal como compete ao professor fazer com seus alunos.

Reconhecendo a importância de que haja condições adequadas para o trabalho, a LDB assegura ao professor um período reservado para estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho. Uma resolução

do Conselho Nacional de Educação (nº 3, de 8/10/97) define melhor os termos em que tais condições devem ser asseguradas: a jornada de trabalho dos docentes deve incluir uma parte de horas reservada para a docência e outra para atividades destinadas à preparação e avaliação do trabalho didático, à colaboração com a administração da escola, às reuniões pedagógicas, à articulação com a comunidade e ao aperfeiçoamento profissional, de acordo com o projeto pedagógico de cada escola.

Entretanto, em várias escolas essas novas possibilidades não têm sido aproveitadas para o trabalho coletivo. Não se organizou um horário comum, que garanta a presença concomitante de todos os professores, com disponibilidade para discutir e planejar em grupo. Se isso não for garantido, dificilmente a escola terá suas decisões pedagógicas compartilhadas pela equipe escolar. Outra situação também observada nas escolas é o desperdício dos horários coletivos, que acabam sendo utilizados para trabalhos individuais: toda a equipe em torno da mesa de reunião, mas cada um preparando as próprias aulas ou corrigindo tarefas dos alunos. Não deixe isso acontecer na sua escola! Esse tempo é precioso na construção de uma escola melhor para todos.



A Lei nº 9.394/96 estipula as seguintes normas quanto ao tempo escolar para a educação básica:

Educação básica

Ensino fundamental e Ensino médio

Jornada diária em sala de aula	4 horas
Carga horária mínima (anual)	800 horas
Mínimo de dias letivos (anual)	200 dias

★★★★



 10 minutos

A decisão de Dona Júlia foi uma boa decisão? Por quê? Se você fosse professor nessa escola, o que diria para a diretora?

Comentário

Essa não foi uma boa decisão, porque o tempo de planejamento conjunto é precioso e, por isso, precisa ser rigorosamente aproveitado. Todos os professores deverão estar envolvidos para executar essa tarefa, sem medo de expor suas idéias, dúvidas e sugestões. O planejamento é o momento de pensar no caminho percorrido, identificar problemas, relacionar e discutir possibilidades de encaminhamento, criar possíveis soluções. Tudo isso requer tempo, que já é sempre muito curto: não dispomos de muitos dias de trabalho sem a presença dos alunos na escola.



Organização do espaço escolar

Não só o tempo, na escola, é precioso; o espaço também é. Ele expressa idéias. A escola reflete no seu aspecto externo – e no interno – as concepções de educação da equipe que nela trabalha. Não se trata aqui somente de limpeza e organização; é preciso que os espaços sirvam como mais um estímulo que aguce a curiosidade e o interesse pela busca do conhecimento. Reorganizar o espaço escolar e garantir a presença de materiais e recursos pedagógicos não são medidas que, por si só, garantam mudanças na aprendizagem. Mas podem, sim, estimular e facilitar o processo.

Os espaços de aprendizagem vão além da sala de aula e, às vezes, da própria escola. É, contudo, na sala de aula que os alunos permanecem mais tempo. A importância de oferecer às crianças um ambiente que estimule a aprendizagem é bem conhecida. Por isso, fala-se em salas ambientes, equipadas e organizadas para estimular e facilitar a aprendizagem. Nelas, os recursos didático-pedagógicos criam vida: a TV, os mapas de História e Geografia, os computadores, os materiais do laboratório de Ciências, sem falar dos livros e gravuras. Com o espaço organizado e os recursos disponíveis (muitas vezes criados pelos próprios professores e alunos em oficinas, feiras etc.), fica mais fácil dinamizar o trabalho e enriquecer as atividades de ensino-aprendizagem, tornando-as mais prazerosas e eficazes.

Currículo: um trabalho de muitas mãos

Não podemos perder de vista a principal função da escola: ajudar os alunos a construir conhecimentos, formas de pensar e sentir mais elaboradas, assim como valores sociais. Isso implica, como já vimos, um movimento de relações recíprocas entre o aluno e o universo a ser conhecido.

Mas quem define o que ensinar?

Este universo, ou conjunto de conhecimentos e experiências de aprendizagem – o currículo – a ser oferecido aos alunos passa por várias instâncias de elaboração. Fora da escola, com base nas prioridades estabelecidas para a política educacional, elaboram-se leis, diretrizes, orientações e indicações sobre os conteúdos a serem ensinados. Assim, temos a LDB, que, visando à formação básica do cidadão, dispõe para o ensino fundamental que a escola deve promover:

- ★ o desenvolvimento da capacidade de aprender a partir do domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- ★ a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores, sobre os quais se baseia a sociedade;
- ★ o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- ★ a fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;

Essa lei também dispõe que o ensino médio tem como finalidades:

Art. 35:

I – A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos.

II – A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.

III – O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual do pensamento crítico.

IV – A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Para alcançar essas finalidades, a LDB indica os elementos que devem constituir os currículos dos ensinos fundamental e médio:

- ★ Uma base nacional comum.
- ★ Uma parte diversificada (que atenda às características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela).

Além da LDB, contamos com outros subsídios para a definição do currículo a ser adotado em nossas escolas: as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e outros documentos oficiais emitidos pelos estados e/ou municípios que procuram orientar e apoiar as discussões e o desenvolvimento do projeto educativo na escola.

As Diretrizes Curriculares Nacionais são definidas pelo Conselho Nacional de Educação, formado por um grupo de profissionais ligados à área. Elas servem de base e referência para a construção do currículo em cada escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são elaborados pelo MEC e postos à disposição das escolas, visando à melhoria da educação em todo o país. É uma proposta que orienta todos – autoridades governamentais, escolas e professores –, mas não impõe um modelo curricular único. Assim, o currículo definido em cada sistema e em cada escola deve atender às Diretrizes Curriculares Nacionais e pode orientar-se pelos PCNs, adequando-se e respeitando a realidade educacional e a peculiaridade sociocultural da clientela que atende.

A LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais e os PCNs sugerem um currículo formal. Este nada mais é, portanto, que o conjunto de prescrições estabelecidas nos documentos oficiais, servindo de parâmetro para a organização do currículo real. O currículo formal precisa ser reorganizado para se adequar à realidade de cada escola, articulando-se às necessidades dos alunos, às opções dos professores, à distribuição das disciplinas no quadro curricular, à divisão do tempo diário para as aulas, aos materiais e recursos disponíveis. As relações que se estabelecem no interior da instituição e as práticas adotadas no cotidiano escolar também constituem parte desse currículo e interferem no modo como os alunos aprendem.

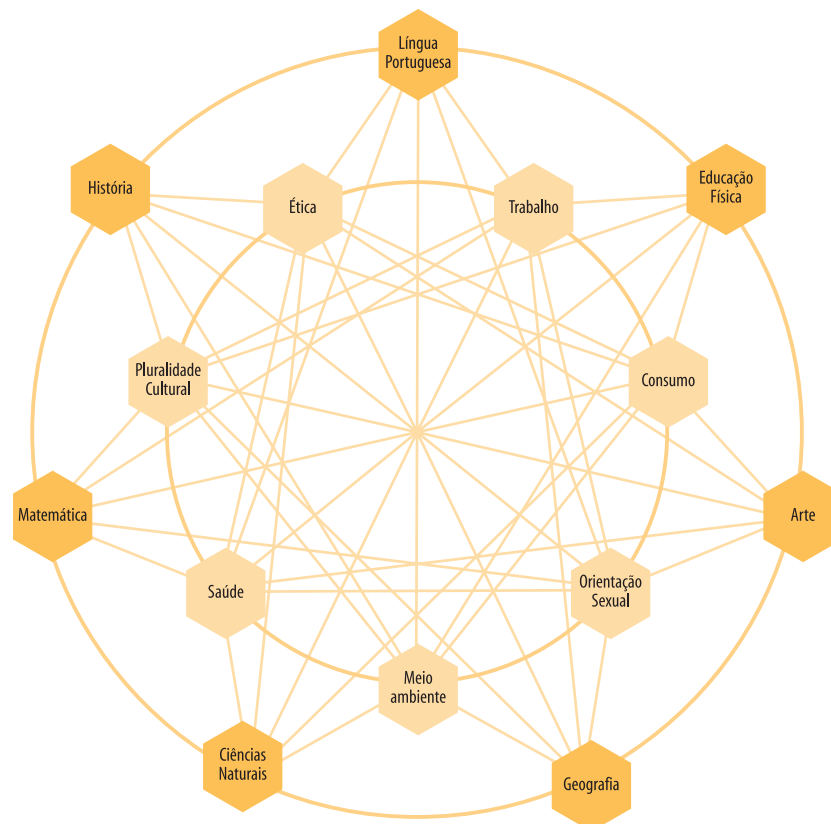
O currículo, reelaborado no âmbito da escola, transforma-se, assim, no currículo real, que não pode ser entendido como simples seleção de informações prontas a serem repassadas aos alunos. Ao contrário, o currículo real só pode servir de ferramenta para os alunos compreenderem o mundo se seus conhecimentos forem apropriados ativamente, por meio de um ensino bem ministrado. Isso exige que a equipe escolar planeje como o currículo real será implementado, de modo a conduzir, sem tropeços, à aprendizagem e, conseqüentemente, ao sucesso escolar. Na verdade, o currículo real só provocará mudanças culturais nos alunos na medida em que se traduza em práticas concretas no interior da escola, na sala de aula, relacionadas a situações e problemas do dia-a-dia.

Nova perspectiva: interdisciplinaridade e temas transversais*

Orientações mais recentes fazem críticas aos currículos fragmentados, compartimentados em disciplinas estanques. Sugerem que seja adotada, na medida do possível, uma perspectiva interdisciplinar, que facilite a compreensão do conhecimento como um todo integrado e inter-relacionado. Essa postura é, em princípio, assustadora, porque desestrutura nossas velhas formas de organização do ensino e, também, nossa prática pedagógica. Mas ela é, sem dúvida, uma visão mais ampla do conhecimento, que deve ser analisada com carinho. Se adequadamente adotada, pode representar um avanço na forma como se dá a produção do conhecimento no interior da escola. Precisamos formar cidadãos com uma visão mais global da realidade e vincular a aprendizagem a situações e a problemas reais! Você não acha que vale a pena enfrentar mais esse desafio?

Interdisciplinaridade é a proposta de estabelecer comunicação entre as disciplinas escolares, buscando maior integração entre seus diferentes conhecimentos. Para isso contribuem os temas transversais, propostos pelos PCNs, pois tratam de questões sociais mais amplas.

Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental



A contribuição da escola é a de implementar um projeto de educação comprometido com o desenvolvimento das competências e habilidades que permitam ao indivíduo intervir na realidade para transformá-la. Esse é o motivo pelo qual os temas transversais tomam a cidadania como eixo básico. Eles tratam de questões que permeiam os assuntos que, embora abordados pelos currículos convencionais, não chegam a ser diretamente trabalhados, tais como a violência, a saúde, o uso dos recursos naturais e os preconceitos. Discuti-los é possibilitar maior compreensão e análise crítica da realidade. São temas transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural.

Não é fácil garantir a comunicação entre as áreas, mas também está longe de ser impossível. Veja um exemplo: vamos imaginar que os professores da 7ª série, querendo fazer uma articulação entre as diferentes áreas do currículo, proponham que os alunos façam um projeto de hospital para sua região.

A partir dessa decisão, o professor de Geografia orientou o estudo do relevo, do clima e dos espaços ociosos e de mais fácil acesso pela população, para definição do local onde o hospital poderia ser construído. Em parceria com o professor de Ciências, procurou fazer os alunos entenderem as relações entre clima, relevo e incidência das doenças mais frequentes na região. O professor de História discutiu o processo de migração interna e o de imigração, mostrando como foram sendo constituídos os agrupamentos humanos da região, os diferentes modos de vida da população, seus hábitos de alimentação e lazer. Mais uma vez, junto com o professor de Ciências, os alunos relacionaram costumes e hábitos de vida com saúde, associando vida sedentária a problemas ósseos. Com o professor de Matemática, os alunos aprenderam a realizar medidas de amostragem, para calcular o percentual da população que padece dos males identificados e a relação população/número de leitos. O professor de Língua Portuguesa discutiu como divulgar a notícia do novo hospital para a população e orientou uma pesquisa sobre as diferentes profissões e ocupações ligadas à saúde. O professor de Artes sugeriu aos alunos a construção de uma maquete do hospital planejado.

Tem gente fazendo...

A comunidade do Colégio Estadual Jardim América, em Goiás, mostra que quando há compromisso e dedicação é possível tornar a aprendizagem significativa. A vida vem para dentro da escola, levando-a a interagir com a realidade em que está inserida. Com uma abordagem interdisciplinar, os temas trabalhados pelos professores das diversas áreas do conhecimento têm a realidade como ponto de partida. Um bom exemplo dessa forma de trabalhar são os projetos culturais desenvolvidos no colégio. A montagem

da peça "A natureza, espelho de Deus" surgiu da articulação de professores de Ciências, Língua Portuguesa, Educação Artística, Educação Física, Geografia e História, que desenvolveram seus conteúdos com base em filmes veiculados pela TV Escola.

★ ★ ★ ★



Atividade 13

Currículo e interdisciplinaridade: o que e como ensinar?

 5 minutos

Esta atividade é um convite para que você reflita sobre a interdisciplinaridade no contexto de sua escola. Lembre-se: a organização do trabalho escolar relaciona-se diretamente com o sucesso do processo de ensino e com a aquisição de conhecimentos significativos.

Em sua escola, que conteúdos vêm sendo privilegiados? Que currículo está sendo construído? Tem havido esforço de comunicação entre os professores das diferentes disciplinas para garantir um conhecimento articulado e bem amarrado? Os professores têm procurado estabelecer relações entre a experiência cotidiana dos alunos e os conteúdos escolares?

A) Apresente uma situação real (ou desejável) que represente um esforço de comunicação entre as disciplinas do currículo adotado em sua escola:

.....

.....

.....

.....

.....

B) Que outra situação você poderia sugerir?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Comentário

Se você apontou uma situação real, na qual os professores trabalham um mesmo tema de forma articulada, com conteúdos de uma disciplina complementando os de outras, esse é um bom caminho. Estimule sua equipe a continuar nessa direção. E se você foi capaz de criar uma situação que ainda não existe em sua unidade escolar, mas que alcança essa meta, o próximo passo é partir do papel para a prática. Procure mostrar as vantagens dessa forma de trabalhar e envolva os professores nessa tarefa!

★ ★ ★ ★



Resumo

Lendo esta Unidade, você pôde analisar as principais questões relacionadas ao trabalho pedagógico da escola – suas finalidades e sua organização. Viu que quando o objetivo da escola é ser um espaço no qual os alunos adquiram compreensão de seu mundo e de seu tempo, é preciso organizar seus espaços de aprendizagem e otimizar o uso do tempo, facilitar a ocorrência do trabalho coletivo e propiciar condições para que todos se envolvam na discussão sobre o currículo: o que e como ensinar. Esses foram os temas abordados nesta Unidade para ajudá-lo a organizar uma escola de sucesso. Com seu estímulo, e com base no recorte ordenado de saberes que constituem o currículo, os professores criarão situações atraentes e ativas de aprendizagens, evitando entregar informações prontas a seus alunos, na expectativa de que eles simplesmente as assimilem.



Leituras recomendadas

Para saber mais sobre os assuntos tratados nesta Unidade, sugerimos que você faça um estudo do Título V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (que não é muito longo), buscando localizar as referências específicas à questão pedagógica. Este será um exercício que lhe trará mais clareza e segurança. Recomendamos também que consulte alguns textos interessantes:

CENPEC. *Raízes e Asas*. São Paulo, 1995.

Esta coleção trata de vários temas relacionados ao cotidiano da escola, questões centrais desta Unidade. A linguagem é simples e existem muitas ilustrações interessantes e bem humoradas. Sugerimos, especialmente, a leitura dos fascículos 3 e 4. Vale a pena conhecer!

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. (Orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

Este livro faz um discurso contundente a favor da escola e reúne textos de vários autores conhecidos na área de currículo. Você ganha uma visão abrangente e atual dessa questão. Vai gostar muito!

SACRISTÁN, J. G. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Não deixe de ler o primeiro capítulo, que introduz a discussão sobre o conceito de currículo e suas teorias. Pode ser um bom começo para quem quer saber mais sobre o tema.

3

Prática pedagógica: todo cuidado é pouco!



Introdução

Nesta Unidade, você vai rever e ampliar a sua visão sobre a organização e dinâmica da sala de aula, abordando os seguintes assuntos: o planejamento da rotina diária; o estabelecimento de regras de conduta para o grupo-classe; e, ainda, a disposição dos móveis e dos materiais, visando construir um espaço de aprendizagem agradável e produtivo. Discutiremos, ainda, a importância das interações sociais na construção do conhecimento, o papel da linguagem, as modalidades que melhor favorecem a construção do saber e os desafios a serem enfrentados para delas se tirar o melhor proveito.

Para atingir essas finalidades, você deve também prestar atenção a uma outra questão que, em geral, passa despercebida: a forma como professores e alunos se olham mutuamente, construindo uns dos outros imagens que passam a dirigir a maneira como se tratam em sala de aula. A depender desse olhar, se ele é positivo ou negativo, decorrem as grandezas ou as misérias da interação daqueles que atuam na escola.



Objetivos específicos

Com o estudo desta Unidade, você poderá dar suporte e orientar sua equipe para:

1. Identificar formas de organizar o trabalho pedagógico em sala de aula, de modo a atender às necessidades de seus alunos.
2. Lidar com a diversidade de questões que surgem na sala de aula, estabelecendo prioridades e intermediando e resolvendo conflitos, sempre que eles surjam na relação professor-aluno.



Atividade 14

Uma escola que faz diferença: identificando seus aspectos centrais

 10 minutos

Com esta atividade, vamos revisar competências relativas às unidades anteriores e introduzir a leitura desta nova Unidade.

A) Leia com atenção o caso desta professora:

Eu sinto muita falta da minha antiga escola. Claro que deixei muitos amigos por lá, mas não é isso. Parece que aqui falta alguma coisa: acho que é algo do ambiente, do jeito de funcionar de lá... Tinha um pique especial, a gente sentia prazer em cada coisinha que acontecia! Não sei explicar, mas havia a sensação de que a escola era especial na vida de todos!

B) Para você, quais são os principais aspectos que levam uma escola a fazer diferença na vida de seus professores e alunos?

1.
2.
3.
4.
5.

Comentário

Há muitos fatores que fazem uma escola se tornar especial. Para nós, ela é importante quando os alunos não só vão para ela felizes como mantêm esse estado de ânimo. Na verdade, isso acontece porque eles sabem que vão aprender coisas interessantes e descobrir novidades todo santo dia. Nesse tipo de escola, as professoras sentem prazer em ensinar e em interagir com os alunos e sabem que as crianças e os jovens, porque aumentaram seus conhecimentos, conseguirão acompanhar com facilidade a série seguinte. O(a) gestor(a) está sempre presente e é uma liderança forte. Há regras flexíveis, mas que são cumpridas. O espaço é bem organizado e o tempo dedicado às várias tarefas, cuidadosamente planejado. Escolas assim são muito especiais, e a leitura desta Unidade poderá auxiliá-lo a afinar sua gestão no que concerne aos aspectos pedagógicos. Se você não incluiu esses

fatores na sua lista, é possível que esteja deixando passar oportunidades interessantes de tornar sua escola um centro de excelência para todos os que a buscam. Daí, é ler esta Unidade, respirar fundo e começar a fazer a situação mudar.



Organizando a sala de aula

Uma professora mineira, do Vale do Jequitinhonha, costuma dizer que precisamos de escolas que dêem, às crianças e aos adolescentes, "passaporte para 'viajar' pelo mundo e também para escorregar nos 'anéis de Saturno', com Emília, Narizinho e o Visconde; que lhes apresente Alice, a que sabe o caminho do 'País das Maravilhas', e os transforme em desbravadores das infinitas terras do Conhecimento". Para ela, "uma escola assim certamente faz muita diferença na vida de seus alunos".

Você não acha que a professora mineira tem razão? Escolas como essas não são nunca esquecidas. Mas qual é a essência de escolas assim? Seguramente, ela está naqueles que lhes dão vida: o(a) gestor(a), a equipe pedagógica, os funcionários e os alunos, com suas respectivas famílias. São essas pessoas que fazem diferença nas escolas: emprestam-lhes luz, fazem com que brilhem e saiam da vala comum. Você pode perguntar agora: mas quais são as características de uma equipe pedagógica assim? Para nós, escolas que despertam vocações e produzem profissionais felizes e mais qualificados estão intensamente envolvidas com o conhecimento. Por essa razão, contagiam seus alunos, fazem com que se apaixonem por aprender, construir novas idéias, enfrentar desafios e buscar soluções.



Martin Riedl / Keystone

Mas como elas atuam? A resposta é simples: sempre em favor dos alunos. Todos que trabalham nessas escolas sabem que as crianças e os jovens precisam aprender e que não podem perder tempo. É por essa razão que agilizam o tempo pedagógico, em especial na sala de aula: a chamada não ocupa metade do período; a classe nunca fica à toa, esperando o professor preparar a aula ou corrigir os cadernos dos alunos. Para essas pessoas, todo o período escolar é usado em prol da aprendizagem, e elas se esforçam para que todo o tempo disponível se transforme em tempo útil para aprender de maneiras diferentes e interessantes.

Nas escolas em que trabalham, já se espera que haja um certo ruído, típico dos diálogos, da troca de idéias, dos debates e do arrastar de móveis, para permitir trabalhos em grupo. Da mesma forma, em suas escolas há muitos materiais pedagógicos, muitos jogos, muitos livros, que podem ser encontrados na própria sala de aula ou guardados em locais em que alunos e professores possam pegá-los e levá-los para lá. O bom gestor sabe que esta é uma questão importante: todo material de trabalho está na escola para ser usado, e não para ser guardado a sete chaves, para que não se "estrague".

Equipes escolares que fazem diferença trabalham como um time: de forma integrada, articulada, planejada. Todos os seus membros sabem que ensinar é um ofício sofisticado, que vai ganhando em competência na medida em que é exercitado sob a coordenação de um(a) gestor(a) que tem compromisso com o sucesso de todos.

Mas um bom profissional não se faz de uma hora para outra, nem do dia para a noite. Em especial, ele não se faz sozinho: a troca com os colegas, as sugestões recebidas, os modelos de atuação observados, a orientação de um diretor experiente são essenciais para a constituição de um bom professor. É no intuito de colaborar com você que sugerimos algumas pistas que podem ajudá-lo a fazer parte da história de vida de seus professores. Vale a pena tentar! Mostre aos seus professores que:

1. A rotina escolar deve ser usada em proveito dos alunos e do professor.

Quantas vezes você não passa por salas de aula em que há uma gritaria constante do professor e dos alunos? Quantas vezes você não escuta: "Professora, acabei a lição! E agora, o que é que eu faço?" Você já parou para pensar nos motivos que levam as coisas a serem assim? Você já se deu conta de que tempo gasto em bobagem é tempo "roubado" da aprendizagem dos alunos? Para que esse ambiente deixe de ser tumultuado e se transforme em produtivo, é fundamental que se esclareça, para os alunos, qual vai ser a rotina diária dos trabalhos. Essa informação ajuda a orientar os alunos, torna-os mais autônomos e, melhor ainda, libera o professor para ajudar aqueles que estão precisando de auxílio.

2. É importante estabelecer as regras do jogo.

Professor competente investe, junto com seus alunos, na construção coletiva das regras de conduta, definindo os direitos e os deveres que regularão o cotidiano em sala de aula. Esse professor sabe que é preciso envolver os alunos na definição do que é possível e aceitável em sala de aula, deixando claro que as regras acordadas podem sempre ser mudadas, caso deixem de ser consensuais. Isso implica constante negociação, mas permite ao professor apelar, sempre que necessário, ao acordo firmado pela classe.

3. A sala de aula precisa ser um lugar bonito e organizado.

Uma sala de aula suja, de aspecto desleixado, com cadeiras quebradas, é o primeiro indício de que algo vai mal com a classe e com o professor. Ninguém gosta de estar em um ambiente feio e mal cuidado. A hostilidade do ambiente causa desprazer, e o desprazer repercute na aprendizagem. A forma como arrumamos a sala de aula reflete, ainda, a concepção de aprendizagem daquele que ensina: cadeiras enfileiradas, com alunos um atrás do outro, indicam que se espera apenas atenção aos ensinamentos do mestre, sem conversas entre colegas nem confronto de idéias. Quando a sala é "viva", isto é, quando seu arranjo muda em função da tarefa, ela evidencia uma distinta concepção do significado de aprender: um ato dinâmico, estimulante e instigante, do qual todos querem, podem e devem participar.



Atividade 15

Rotinas da escola: passando a limpo o discutido



10 minutos

Realizando esta tarefa, você terá a oportunidade de testar seu conhecimento, aplicando-o em situações práticas que se relacionam às formas de organização do trabalho pedagógico em sala de aula. No final deste exercício, você estará preparado para discutir essas questões com sua equipe docente. Bom trabalho!

A) Assinale os principais aspectos relativos à rotina que você acha importante estabelecer com os alunos para que eles possam se orientar na sala de aula:

- a) Horários de entrada e saída da escola.
- b) Duração dos intervalos entre aulas/atividades.
- c) Sequência das aulas/atividades.
- d) Horário da merenda.

- e) Formas de se comportar no recreio.
- f) Respeito aos outros.
- g) Dias em que haverá trabalho em grupo.
- h) Material a ser comprado.
- i) Tipo de tratamento a ser dado ao professor/diretor.
- j) Dias em que haverá atividades extraclasse.

Comentário

Se você assinalou os itens **c**, **g** e **j**, está dando condições a seus alunos de se organizarem previamente para as aulas, de forma a não serem pegos de surpresa, sem material. Eles podem, ainda, ajudar o professor a organizar a classe com antecedência, quando houver trabalhos em grupos. Caso tenha marcado os itens **a**, **b** e **d**, você levou em consideração mais o modo de funcionamento da escola do que o da sala de aula. É bem verdade que esses aspectos têm impacto na sala, mas é um impacto menos direto do que os anteriores. Os demais itens não dizem respeito à rotina da sala de aula, e sim a regras de conduta a serem seguidas na escola ou na classe. É importante que você diferencie esses aspectos, para não tomar um pelo outro, criando confusão onde não é preciso.

Assinale a forma de organização das salas de aula que parece mais produtiva para a aprendizagem:

- a) Fixa, para todas as aulas e salas.
- b) Variável, a depender dos objetivos da atividade.
- c) Variável, em função dos interesses dos alunos.
- d) Fixa, em função do rendimento médio da classe no mês anterior.

Comentário

Você assinalou o item **2**? Se respondeu sim, foi direto ao ponto. A organização da sala de aula deve variar de acordo com os objetivos da atividade programada pelo professor, os quais devem ser claros para todos. A alternativa **3** também é uma possibilidade, em algumas ocasiões como, por exemplo, depois de a classe ter feito um grande esforço para dominar um conteúdo complexo. Se deu outra resposta, não desanime. Releia o texto "Organizando a sala de aula", identifique em que momento se perdeu e vá em frente.

B) Assinale as principais regras de conduta que convém definir em conjunto com os alunos, para que haja um clima adequado à aprendizagem em sala de aula:

- a) Conversar em voz baixa.
- b) Manter-se em silêncio.
- c) Perambular pela sala.
- d) Mover-se quando necessário, mas sem perturbar os outros.
- e) Não estragar o trabalho do colega.
- f) Apontar sempre o erro dos companheiros.
- g) Colaborar com a professora, sempre que preciso.
- h) Ter tolerância com os mais inexperientes.
- i) Só se dirigir à professora levantando a mão.

Comentário

Se você marcou os itens **a, d, e, g e h**, está no caminho certo: uma sala de aula eficiente comporta um certo nível de ruído e de movimento, sem dispersar a concentração. Exigir dos alunos que sejam estátuas mudas é desconsiderar que o exercício intelectual requer consultas a livros e diálogo com colegas e/ou professores. Ninguém faz isso imóvel ou em silêncio. Além disso, o respeito ao trabalho é um valor fundamental: se queremos que o nosso trabalho seja respeitado, é preciso que respeitemos o dos demais. Se isso não ocorre, a pessoa que se sentiu desrespeitada fica com raiva e frustrada, algo que pode desencadear atitudes e comportamentos agressivos e pouco produtivos.

Finalmente, a ênfase na colaboração é também central em uma sala de aula. Insistimos muito em que os alunos devem cooperar com os colegas, como se fosse óbvio que devem colaborar com seus professores. Só que não é tão simples assim: é fácil confundir disposição para ajudar com bajulação. O aluno que coopera com o corpo docente pode facilmente ficar marcado, tornando-se alvo de caçoadas. Para evitar que isso ocorra, as coisas precisam ser claras e combinadas de antemão. Tolerância é fundamental para a convivência democrática. Por que não começar a exercitá-la o mais cedo possível?

Se você ficou em dúvida, volte ao texto, leia mais uma vez, reflita e tente de novo. É só uma questão de tempo até conseguir sucesso.



A dinâmica da sala de aula

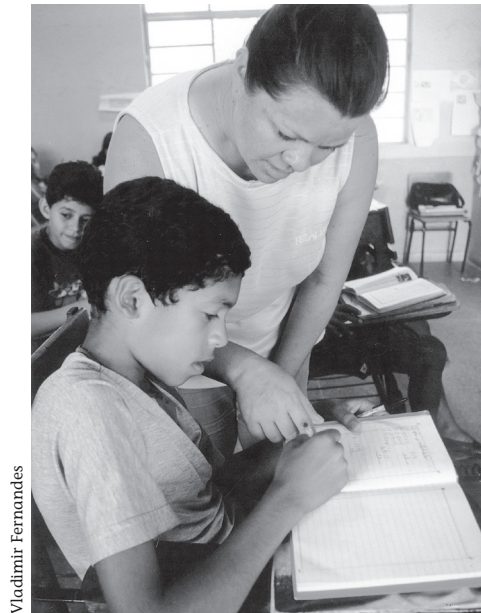
A interação professor-aluno

A sala de aula é o espaço no qual professores e alunos se encontram e interagem em torno do conhecimento. Essa interação, que constitui a dinâmica da sala de aula, é em grande parte decorrente da forma como o professor vê o processo de ensino-aprendizagem. A idéia que se tinha no passado, de alunos como pessoas relativamente fáceis de serem moldadas e dirigidas a partir do exterior, não existe mais. Foi substituída pelo entendimento de que, ao contrário, eles selecionam determinados aspectos do meio físico e social, os assimilam e processam, conferindo-lhes significados. Com isso, a concepção de aprendizagem muda radicalmente.

Se antes a aprendizagem era vista como produto quase que exclusivo do comportamento do professor e da metodologia de ensino adotada, agora as contribuições dos próprios alunos são ressaltadas: seus conhecimentos, capacidades e habilidades prévias; sua percepção da escola e do professor; suas expectativas e atitudes diante do ensino. É com crianças e jovens que já contam com tudo isso que o professor tem de lidar em sala de aula: uns são mais cordatos, outros mais difíceis; uns acatam, outros resistem. Pouco a pouco, os alunos vão se apropriando dos ensinamentos da escola, à luz do que já conhecem. Nessa medida, constroem seus conhecimentos.

Mas, como vimos, nossos alunos não constroem sozinhos seus conhecimentos. O caráter construtivo da aprendizagem só aparece na interação mantida com os professores e colegas. A construção do conhecimento é, portanto, um processo coletivo, que envolve alunos, professor e conteúdos de aprendizagem. Compete ao professor ajudar seus alunos a se apropriar dos conteúdos escolares. Mas em que consiste o auxílio que o professor deve dar? Tudo indica que a "boa" ajuda está diretamente ligada à forma como o aluno é percebido.

Se ele for visto como competente, menores serão o direcionamento e o nível de ajuda fornecido pelo professor. E vice-versa: para uma percepção de menor competência, maior a ajuda e o direcionamento. Claro que quanto mais afinado for o "olhar" do professor com a situação efetivamente vivida pelo aluno, mais ajustado será seu auxílio e mais eficaz seu ensino. Em outras palavras, a eficácia do ensino depende, em grande parte, de quanto as intervenções realizadas pelos educadores são compatíveis com o nível de dificuldade que os alunos enfrentam: mais dificuldades, maior a ajuda; menos dificuldades, menor a ajuda, até que ela se torne dispensável, pois o aluno aprendeu.



Nesse sentido, é importante destacar que se a ajuda é essencial para a aprendizagem, ela é, ao mesmo tempo, transitória. Diminui e, eventualmente, desaparece à medida que o aluno ganha, na percepção do professor, autonomia e responsabilidade. Podemos dizer, então, que a interação social em sala de aula, para ser produtiva, requer algumas condições. Assim, para se beneficiar da ajuda do professor, é preciso que ela:

- ★ Seja percebida como necessária.
- ★ Corresponda à necessidade de quem a recebe.
- ★ Seja formulada de forma compreensível.
- ★ Seja prestada tão logo a dificuldade se manifeste.
- ★ Possa ser utilizada assim que for recebida.

★ ★ ★ ★



Atividade 16

Construção do conhecimento: o que é isso, companheiro?

🕒 5 minutos

Para identificar as práticas de sala de aula que melhor atendam às necessidades de seus alunos, é preciso identificar o processo pelo qual se aprende. Esta tarefa vai ajudar você e seus professores a entenderem como isso se passa. Leia e responda com cuidado a questão. Envolver-se com o proposto. Você vai gostar!

O que você entende por processo de construção do conhecimento?

Comentário

Processo de construção do conhecimento é aquele no qual os alunos se apropriam ativamente dos conhecimentos disponíveis e os articulam às suas experiências anteriores, de modo a conquistar novas formas de pensar, sentir e agir. O bom professor é aquele que sabe que:

- ★ Os alunos não são nem moldados, nem controlados pelo ambiente, mas ativos e participativos em sua forma de interagir com os meios físico e social.
- ★ A aprendizagem não decorre unicamente de seus ensinamentos, nem da metodologia que adota, mas envolve também os conhecimentos, as capacidades, as habilidades prévias dos alunos, suas percepções, motivações, expectativas e atitudes diante dos professores e do ensino.

Tudo isso quer dizer que o processo de construção do conhecimento diz respeito à forma vigorosa por meio da qual o aluno constrói (ou elabora) novos conhecimentos com base naquilo que já traz para as situações de ensino. Foi assim que você respondeu? Em caso afirmativo, podemos seguir em frente sem problemas. Mas, em caso contrário, sugerimos que releia a Unidade 1 deste Módulo. Rer ler esse texto pode ajudá-lo a identificar os pontos em que encontrou dificuldade. Temos certeza de que uma segunda leitura vai ajudá-lo a colocar tudo nos eixos.

★ ★ ★ ★



Atividade 17

Professor faz a "ponte": ajuda, mas como?

 5 minutos

No processo de ensino e aprendizagem, o papel e a postura do professor devem variar em função das características e necessidades de sua clientela. Esta atividade pretende ajudá-lo a orientar seus professores, mostrando-lhes como e quando oferecer ajuda aos alunos, buscando atender ao segundo objetivo específico desta Unidade.

O bom professor ajuda seus alunos a aprender. Mas, para isso, é preciso que seu auxílio seja eficaz.

Assinale a alternativa que descreve uma condição em que isso não ocorre:

- a) A ajuda só tem sentido quando é entendida como necessária.
- b) A oferta de ajuda deve ser feita assim que a dificuldade é identificada.
- c) O auxílio deve ser um pouco aquém das necessidades de quem a recebe.
- d) A ajuda deve prever oportunidades para que o aprendido seja empregado.
- e) Os auxílios efetivos usam linguagem simples e compreensível.

Comentário

As alternativas **a**, **b**, **d** e **e** são corretas. O bom professor conhece seus alunos e oferece-lhes auxílio na medida de suas necessidades, logo que as dificuldades apareçam (evitando que elas se acumulem). Procura ser claro em sua intervenção, para que todos o entendam, e cria, ainda, ocasiões para que os alunos utilizem o que aprenderam em diferentes situações. Mas se apoiar o aluno não significa fazer a tarefa por ele, também não adianta ajudar naquilo que ele já sabe. É chover no molhado. Viu como ajudar é um ato complexo, que requer reflexão por parte do professor?



Os desafios da interação

Se a interação social é central na aprendizagem, ela também traz muitos desafios. Como o professor deve proceder, ao tentar retirar paulatinamente a ajuda que oferece? Que procedimentos utiliza para verificar se o aluno realmente aprendeu? O que faz, ao se dar conta de que a aprendizagem não ocorreu? Por que, em certas condições, parece ser tão difícil ensinar? Que papel desempenham, nessa dificuldade, a natureza da tarefa e a dos conteúdos a serem trabalhados? Claro que não há respostas prontas, mas é possível fazer algumas suposições. Assim, diríamos que o professor eficiente é aquele que, quando interage com seus alunos, segue um roteiro cujos principais pontos são:

- ★ Estabelecer, no começo do ano escolar, a rotina diária e as regras de conduta a serem seguidas por todos.
- ★ Conhecer bem os alunos: suas competências, seus conhecimentos e habilidades, bem como suas referências socioculturais e seus interesses.
- ★ Preparar bem a aula, articulando o que os alunos conhecem e os conteúdos que precisam ser aprendidos, imprimindo fluidez e ritmo nas lições.
- ★ Introduzir um conteúdo novo fazendo perguntas, problematizando situações, verificando quais são as hipóteses dos alunos sobre o assunto.

- ★ Empregar tarefas diversificadas, compatíveis com o nível de dificuldade dos alunos e adequadas às suas necessidades.
- ★ Oferecer material de consulta variado e relevante.
- ★ Criar condições para os alunos sistematizarem os conteúdos aprendidos, usando estratégias de fixação e, em especial, de aplicação dos novos conceitos.
- ★ Incentivar o pensamento independente.
- ★ Encorajar a autonomia do aluno.
- ★ Abrir possibilidades efetivas de obtenção de ajuda para todos.
- ★ Avaliar sistematicamente a aprendizagem.
- ★ Fazer dos erros cometidos pelos alunos oportunidades de aprendizagem.
- ★ Propiciar ocasiões para recuperação e reforço da aprendizagem.
- ★ Retomar os conteúdos aprendidos antes de introduzir novos.

Professor é uma peça-chave no processo de aprendizagem de seus alunos, mas não é a única. Os próprios colegas constituem, em determinadas circunstâncias, influência educativa importante na aprendizagem, um papel antes reservado apenas ao professor. Mas por que se diz em algumas circunstâncias? Na verdade, porque é sobretudo em atividades que envolvem colaboração que os alunos conseguem atuar como docentes, ensinando seus companheiros. Se a atividade for competitiva, pouco ou nenhum impacto é observado: um aluno impõe seu ponto de vista aos outros, e ponto final. De igual maneira, nada se ganha quando não há o que trocar. Esse é o caso quando todos têm a mesma visão sobre o assunto. Em tarefas de colaboração, por sua vez, o resultado na aprendizagem é evidente: todos progridem mais do que em atividades realizadas individualmente pelos mesmos alunos. Isso significa que tarefas em colaboração promovem o progresso intelectual porque:

- ★ Levam cada membro do grupo a estruturar melhor sua atividade, ao explicá-la e articulá-la com a dos demais.
- ★ Facilitam a compreensão, levando ao aprimoramento e/ou ao aparecimento de novas competências individuais.
- ★ Promovem o diálogo de pontos de vista diferentes, de modo que se pode comparar a própria visão com a alheia.
- ★ Permitem identificar a natureza da divergência existente entre as posições em jogo.

E o papel da linguagem?

Se é verdade que a interação social propicia o crescimento intelectual, como ela o faz? Ao que tudo indica, por meio da linguagem, um poderoso instrumento a serviço da comunicação, mas que é também essencial para que possamos influir sobre nossas ações e nossos pensamentos, bem como sobre as ações e os pensamentos dos demais. A linguagem, articulada com o pensamento, permite que significados sejam dados ao mundo a nossa volta. Mais importante: é por seu intermédio que comunicamos esses significados a outras pessoas. Com a linguagem, podemos expressar nossa maneira de ser, isto é, nossa subjetividade, e ter acesso às conquistas da humanidade.

No decorrer de nossa vida, a linguagem dos outros inicialmente regula, isto é, influencia nosso modo de ser, de pensar e de agir. À medida que vamos crescendo e nos apropriando dos significados que a linguagem comunica, passamos nós mesmos a escolher nossa conduta, nossos pensamentos e nossos sentimentos. Passamos a ser, então, nossas principais influências. Os processos comunicativos que ocorrem nas atividades feitas em colaboração explicam o fato de podermos aprender com o outro. Mais especificamente, é a maneira pela qual esses processos interferem em nossa forma de ver o mundo que nos faz "negociar", ou seja, buscar acordos e superar conflitos, ora cedendo, ora fincando o pé, e aprender na – e por meio da – parceria.

★ ★ ★ ★



Atividade 18

Para que serve mesmo a linguagem?

🕒 5 minutos

Esta tarefa tem por objetivo salientar a importância da linguagem em nossas vidas. Verifique você mesmo!

Leia os enunciados abaixo com cuidado e identifique os que apontam funções da linguagem. Parece abstrato, mas não é. Mãos à obra!

A linguagem serve para:

- a) Comunicar e expressar nossas idéias e nossos sentimentos.
- b) Planejar nossa própria conduta.
- c) Regular o próprio comportamento ou o dos outros.
- d) Desenhar o mundo a nossa volta.
- e) Chorar quando estamos tristes.

Comentário

São três as respostas corretas: **s**, **b** e **c**. A linguagem cumpre essas três funções: a de permitir a comunicação entre os seres humanos, a de planejar a própria ação ou a dos outros e a de regular (influenciar, ajustar) a nossa conduta ou a dos demais. Regular é um termo difícil, mas alguns exemplos podem ajudar a esclarecer seu significado.

Veja a importância da linguagem nestas situações:

Alguém da Secretaria de Educação usou a linguagem (oral ou escrita) para informar a você que este curso estava disponível. Você respondeu que gostaria de participar dele e, assim, "regulou" o comportamento dos técnicos da Secretaria (que fizeram sua reserva, mandaram-lhe informações, organizaram reuniões etc.) e o seu mesmo, como está fazendo agora, ao ler este material. Você poderia estar no cinema ou se divertindo; no entanto, porque planejou fazer o curso, optou por estudar.

Você um dia disse para si mesmo: "Eu vou fazer Pedagogia e seguir a carreira do magistério". Acabou gestor. Isso quer dizer que você regulou sua conduta e também a de seus pais (ou cônjuge) e a dos professores e funcionários da escola onde estudou. Viu como, por meio da linguagem, todos se mobilizaram, inclusive você mesmo, para atingir essa meta?

A escola, sempre por meio da linguagem, regula a vida dos pais de seus alunos. A família precisa se organizar para que seus filhos possam frequentar as aulas: comprar material, levar e buscar o aluno na escola se ele for pequeno, verificar ou perguntar se a lição está feita etc. As famílias também regulam a vida da escola: fazem a Associação de Pais e Mestres funcionar de certa forma, opinam no Conselho de Escola, colocam questões à direção, que é forçada a se manifestar. Viu como é simples?

• • •

Trabalho diversificado

Grande parte do que se chama "problema de aprendizagem" é, na verdade, "problema de ensino". Ensinar é mesmo difícil, quando temos em sala de aula cerca de 40 alunos, todos eles tão diferentes entre si! Como proceder, para que todos aprendam? Em geral, as escolas optam por dois caminhos: um deles é tentar formar classes homogêneas em termos de conhecimentos, esquecendo-se de que esse procedimento tem forte impacto no autoconceito do aluno. Sempre se sabe em que "classe" se está: se na dos fortes, na dos médios ou na dos fracos. Se o aluno estiver na sala dos "bons", ele vai se achar o máximo e fazer de tudo para continuar assim. Mas se estiver na dos "fracos" e, pior, se tiver sido remanejado, ou seja, sistematicamente despejado de uma classe para outra sucessivas vezes (como é frequente acontecer), o resultado

é só um: descrença na própria competência para aprender, desânimo, nenhuma vontade de estudar. O autoconceito fica destruído. Além disso, formar classes homogêneas implica desconsideração pelo fator idade, que determina grande parte dos interesses e motivações dos alunos. Colocar alunos mais velhos com mais novos cria, geralmente, dificuldades para os dois lados. Resumindo: organizar classes homogêneas é impossível, porque as crianças ou os jovens são sempre diferentes.



O outro caminho é buscar trabalhar de forma diversificada, mantendo o grupo-classe coeso e estimulado. Você pode estar se perguntando: mas não é muito mais fácil para o professor ensinar crianças que se encontram em um mesmo patamar de conhecimentos e habilidades? E nós responderemos categoricamente que não, que este é um mito perverso da cultura pedagógica brasileira. E sabe por quê? Porque a interação entre iguais, conforme vimos, fica muito empobrecida e sem graça. Quando você tem, em uma mesma sala, alunos que aprendem mais depressa e outros mais devagar, um estimula o outro. Os que têm ritmo mais acelerado podem ajudar os mais lentos e, ao agir assim, são obrigados a organizar seu próprio pensamento, percebendo suas falhas e seus pontos fortes. Os que caminham de maneira mais vagarosa, por sua vez, sentem-se desafiados a aprender.

Para trabalhar com grupos heterogêneos – dado que as crianças são sempre diferentes entre si – cabe temperar a aula, ter um bom manejo de classe e, em especial, saber usar estratégias variadas, para que todos recebam a atenção necessária por parte do docente. É importante, portanto, fazer exposições para o grupo como um todo, formar grupos de colegas para trabalho coletivo e abrir tempo e espaço para atendimento individualizado.

Com isso, a interação professor-aluno fica mais dinâmica e o professor pode acompanhar mais de perto o processo de aprendizagem de seus alunos. Vamos ver as vantagens de cada uma dessas estratégias de ensino?

Atendimento individualizado. Como se sabe, cada aluno é único, diferente de todos os demais. Por isso, é compreensível que os professores tenham como aspiração oferecer orientação mais individualizada, que lhes permita atender todos e cada um. É esse um dos grandes motivos pelo qual os professores reclamam por terem tantos alunos na classe: acham que não conseguem ensinar todos na medida em que gostariam. O contato mais próximo possibilita conhecer melhor cada aluno, suas características, suas dificuldades e dúvidas. Quando um aluno não está conseguindo entender determinado conteúdo ou realizar certa tarefa, é vital que o professor dedique mais de seu tempo a ele. Procurar criar espaços, ainda que semanais, para, por exemplo, dedicar-se a necessidades específicas de alguns alunos pode ser mais proveitoso do que tentar avançar com todos sem que haja condições para tal.

Trabalho em grupos. Esta modalidade de ensino leva os alunos a interagir com seus colegas e com o professor, permitindo que recursos individuais sejam partilhados. No grupo, os alunos parecem se sentir mais à vontade para apresentar suas idéias, contrapor pontos de vista, fazer perguntas. Com a ajuda da professora, aprendem a planejar seu trabalho, a "negociar" entendimentos divergentes, a organizar sua maneira de proceder, a perseguir soluções e avaliá-las em face dos resultados alcançados. Em grupo, chegam a conclusões que, sozinhos, não encontrariam. O trabalho em grupo cria situações que favorecem a troca, o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos.

Trabalho com o conjunto da classe. Este tipo de estratégia é excelente ocasião para sistematizar conhecimentos, estimular o esclarecimento de dúvidas e articular conceitos. Além disso, oferece, a todos os alunos, a noção de que eles estão acompanhando o ritmo da classe e, assim, preserva o autoconceito de cada um. Mas sempre existe um outro lado. O risco de trabalhar com o conjunto da classe é que alguns alunos, justamente os que enfrentam maior dificuldade, podem ficar "perdidos", e os mais avançados, aborrecidos e entediados. Por essa razão, é preciso saber muito bem quando recorrer a esta forma de ensinar. A ordem é, mais uma vez, fazer um planejamento cuidadoso do ensino, levando em conta o que se conhece de cada aluno.

Todas essas estratégias devem ser usadas em sala de aula, discriminando-se, com sabedoria e bom senso, qual delas usar em cada momento. O principal critério a ser seguido está nos objetivos da tarefa: o "como fazer" é uma consequência do "para que fazer"!

Tem gente fazendo...

Na Escola Cecília Meireles, um professor, seguindo uma sugestão de sua gestora, combinou realizar trabalhos coletivos e individuais com seus alunos. Foi uma beleza! Na aula coletiva, o professor é o líder e expõe os temas a serem tratados, faz um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, estabelece pontes com o que está sendo aprendido e aponta situações em que os novos conhecimentos acontecem na vida de todo dia. Estimula a participação de todos na discussão.

No trabalho em grupo, os alunos se juntam de duas formas, a depender dos objetivos do professor: ou ele coloca um aluno que já domina o tema para assessorar os colegas, ou deixa que a classe se agrupe por afinidades. Com base nas regras de comportamento combinadas, realizam exercícios sob a supervisão do professor. Em outros casos, trabalham sozinhos, permitindo que o professor atenda os que precisam de apoio mais individualizado.

Para o trabalho individual, cada um recebe instruções para realizar a tarefa e pode trabalhar de acordo com seu próprio ritmo. Há uma lista na lousa, para que todos possam se inscrever para conversar em particular com o professor sobre suas dúvidas.

★ ★ ★ ★

**Atividade 19****Trabalho diversificado: ameaça ou solução?**
 5 minutos

Mesmo entendendo que é preciso desenvolver um trabalho pedagógico compatível com as necessidades dos alunos, muitos professores perguntam como devem proceder para tal. Você está preparado para orientá-los? Faça o teste!

Assinale a resposta certa:

O que você entende por trabalho diversificado?

- a) Variar a rotina da classe todos os dias.
- b) Estabelecer rodízio de funções na escola.
- c) Modificar o arranjo físico da sala de aula, aumentando a participação discente.
- d) Utilizar diferentes estratégias de ensino para atender todos os alunos.
- e) Alterar os conteúdos e a metodologia do ensino para cada grupo de alunos.

Comentário

Trabalho diversificado diz respeito às formas de atuação que os professores adotam para contemplar a variedade de alunos que se reúne em sua sala de aula. A resposta correta é, portanto, a 4. É preciso que os professores trabalhem com todos, em aulas expositivas, tomando cuidado para sistematizar conteúdos que atendam às diferentes necessidades. De igual maneira, é importante que formem pequenos grupos de alunos, para favorecer não só a socialização como a troca de idéias e o confronto de pontos de vista. Finalmente, é ainda necessário que trabalhem de maneira individualizada, na própria aula ou em outro horário, para poder dar atenção especial àqueles que não estão acompanhando o ritmo dos colegas. Não é tão complicado assim, não é mesmo?

• • •

As representações mútuas de professores e alunos

Um dos componentes básicos para se compreender o tipo de relação que se estabelece entre professores e alunos são as representações, ou seja, as imagens que uns fazem dos outros. Grande parte de nossa maneira de ser depende da forma como percebemos e interpretamos as ações e falas daqueles que nos cercam. Esse é um princípio sempre válido nas relações humanas e afeta, conseqüentemente, a totalidade do processo de ensino-aprendizagem. A representação* que o professor faz de seus alunos influi sobre o que pensa e espera deles. Ela leva o professor a valorizar uns alunos e a menosprezar outros; a ser complacente com uns e rigoroso com outros; a se sentir motivado com uns e desanimado com outros.

As imagens que se fazem do outro, as representações, atuam também sobre os alunos. A depender delas, o apreço pelo professor será maior ou menor. A atenção ao que ele diz irá igualmente variar, bem como a importância dada à disciplina que ele leciona. Mas de onde vêm as representações? Provavelmente, sua principal fonte está no encontro que se dá entre alunos e professores e na observação recíproca das características e dos comportamentos de cada um. Com isso, constroem-se imagens iniciais que acabam sendo, frequentemente, reafirmadas no decorrer das atividades cotidianas. O professor tende a comparar o aluno que está diante dele com a representação de aluno ideal, construída ao longo de sua trajetória profissional: se ele se enquadra nessa representação, é bem aceito; em caso contrário, quando se afasta dessa imagem, é encarado de forma negativa.

Como os professores têm trajetórias parecidas, a representação de aluno ideal tende a ser bastante semelhante. Assim, os professores investem mais em alunos bonitos, bem arrumados e cheirosos; naqueles que

demonstram maior motivação, responsabilidade e participação; nos que evidenciam aprender com facilidade; nos que vão para a escola com o material pedido. De igual modo, muito antes de entrar na escola, os alunos já formaram uma idéia, também idealizada, do que é um professor: ouviram seus irmãos ou pais falarem sobre seus professores, viram aulas na televisão, escutaram histórias sobre docentes. Essa idéia é ativada diante do professor que está à sua frente, despertando sentimentos positivos ou negativos.

Perigo!

As representações dos professores acerca de seus alunos geram expectativas de desempenho escolar. Conheça o efeito Pigmalião, descoberto em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, na década de 60. O estudo chama-se "Pigmalião em sala de aula". Sabe quem foi Pigmalião? Ele é o personagem central de uma lenda. Segundo consta, foi um escultor que se apaixonou pela estátua de uma linda mulher, esculpida por ele mesmo. Os deuses decidiram, depois de ele muito insistir, conceder vida à estátua.

Um grupo de pesquisadores pôs à prova a hipótese de que os alunos sobre os quais os professores têm mais expectativas, acreditando que podem aprender mais facilmente, são, efetivamente, os que fazem maiores progressos. Após aplicarem um teste de inteligência em todos os alunos de uma dada série, foram selecionados, ao acaso, 20% deles. Esse grupo de alunos foi apresentado para seus professores como o grupo dos "gênios", aqueles que certamente se sairiam bem nos estudos. Mas, de fato, ninguém consultou os resultados do teste de Q.I. (Quociente de Inteligência), de modo que havia de tudo naquele grupo: desde pessoas muito inteligentes até outras nem tanto.

No final do ano letivo, os pesquisadores voltaram à escola, e sabe o que descobriram? Que tiveram êxito e foram reconhecidos efetivamente como ótimos alunos aqueles que os pesquisadores tinham indicado como tal. Os que não faziam parte do grupo foram, muitas vezes, desencorajados por seus professores, que não acreditavam em suas possibilidades de aprender. Com isso, ficamos sabendo que as expectativas que criamos para nossos alunos (ou para nossos professores) podem acabar por se transformar em realidade. Crenças e expectativas tornam-se, com frequência, profecias que acabam por se confirmar. Assim, se quisermos levar todos os nossos alunos a aprender, é importante que tenhamos acerca deles crenças e expectativas positivas. Os professores são uma espécie de Pigmalião: têm o poder de esculpir seus alunos de acordo com seus desejos e expectativas.



Atividade 20

Pigmalião: por quê???

 5 minutos

Esta atividade se relaciona com o segundo objetivo da Unidade e sua finalidade é verificar se você entendeu por que se fala em "efeito Pigmalião". Se acertar, você estará atento para evitar esse efeito ou para usá-lo em favor de seus alunos.

Complete a frase:

Estudo chama-se "Pigmalião em sala de aula" para referir-se ao fato de que.....

.....

.....

.....

Comentário

O estudo chama-se "Pigmalião em sala de aula" para se referir à influência que as expectativas dos professores têm sobre o desempenho escolar dos alunos. Os professores realmente têm este poder: podem dar vida e futuro a seus alunos. Por isso, é importante que todos apostem no sucesso de todos e de cada um. Quando deixamos as expectativas negativas preponderarem, estamos condenando nossos alunos a desanimarem de si mesmos. Neste último caso, que ninguém se engane: somos todos cúmplices da exclusão dos alunos da escola e de sua inclusão em outros espaços, tal como o da marginalidade, o da mendicância, o da rua. Com isso, corremos o risco de jogar fora nosso melhor patrimônio: os recursos humanos deste país.

...



Resumo

Esta Unidade tratou mais diretamente da sala de aula – de sua organização, suas rotinas e sua dinâmica – em função das interações sociais que nela ocorrem. Ressaltou o importante papel da linguagem nos processos comunicativos, no planejamento da conduta e na regulação da ação e do pensamento. Apontou os desafios da interação e apresentou diferentes possibilidades de atendimento aos alunos, discutindo o que vem

a ser um trabalho diversificado. Por último, mostrou como as representações mútuas de professores e alunos são importantes e destacou sua influência nas relações que se estabelecem em sala de aula. A leitura desta Unidade permite que você oriente seus professores para criar vínculos sólidos com os alunos, visando à construção de um ambiente pedagogicamente rico, proveitoso e gratificante para todos.



Leituras recomendadas

Para conhecer mais e melhor os assuntos tratados nesta Unidade, recomendamos que você consulte alguns outros livros e artigos. Quanto mais aprofundado for seu conhecimento da sala de aula, mais proveitosa será a orientação que você poderá dar aos professores.

CENPEC. *Raízes e Asas*. São Paulo, 1995.

Raízes e Asas é um material superinteressante, em linguagem acessível, mas bastante precisa, que trata dos aspectos necessários para se construir uma escola de qualidade. Recomendamos a leitura dos fascículos 5 e 7. Você vai gostar!

DAVIS, C.; SOUZA E SILVA, M. A. S. & ESPOSITO, Y. L. O papel e o valor das interações sociais em sala de aula, *Cadernos de Pesquisa*, n.71, 1989.

Este artigo, que você pode pedir na editora, aborda a questão das interações sociais, inicialmente em sentido amplo e, posteriormente, em sala de aula, dando pistas aos professores de como proceder para maximizar as possibilidades do ensino e do aprendizado. Vale a pena dar uma olhada.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Woolfolk trata não só dos temas desta Unidade como de muitos outros. Convém ler os capítulos 12 e 13. Esta é uma fonte de referência muito útil, cheia de exemplos e opiniões de especialistas!

4

Avaliação: prática a favor dos alunos ou contra eles?



Introdução

Nossa proposta, nesta Unidade, é convidá-lo a retomar uma questão importante do processo ensino-aprendizagem: a avaliação do rendimento escolar. Você poderia perguntar: mas o que eu preciso saber mais acerca da avaliação? Passei a maior parte da minha vida sendo avaliado e avaliando alunos. Conheço os dois lados dessa moeda. Afinal, o que há ainda a ser aprendido? E nós responderemos: apenas uma nova forma de encarar a questão, mas que oculta uma verdadeira revolução. Esta Unidade pretende mostrar-lhe um outro lado da avaliação, para que você possa reciclar algumas de suas idéias sobre este assunto, raras vezes analisado em profundidade no espaço escolar.

Como você sabe, um processo importante como o do ensino provoca, necessariamente, muitas mudanças nos alunos. Só enviamos crianças e jovens à escola porque acreditamos que ela pode mudar as pessoas, fornecendo-lhes instrumentos para pensar, sentir e agir de forma nova em relação a si mesmos e à realidade em que vivem. Mas, para verificar se a escola está cumprindo seu papel, é preciso que avaliemos a experiência que ela propicia, diretamente, a alunos, professores, funcionários; e, indiretamente, aos familiares de sua clientela e à própria comunidade em que se localiza.

No final desta Unidade, você verá que a avaliação é uma importante ferramenta a serviço da gestão e do planejamento escolar, na medida em que seus resultados permitem aprimorar o desempenho de seus alunos, a gestão da sala de aula e a organização interna da escola.



Objetivos específicos

Os objetivos desta Unidade são:

1. Identificar o processo de avaliação da aprendizagem como um instrumento de gestão.
2. Apontar os mitos que em sua escola cercam a avaliação e indicar caminhos que ajudem a derrubá-los.
3. Analisar, na LDB, a importância da avaliação em uma escola efetivamente democrática.

★ ★ ★ ★



Atividade 21

Será que é isso? Analisando a fala de um gestor

 15 minutos

A) Leia o que o gestor da Escola Carlos Gomes diz acerca da avaliação escolar:

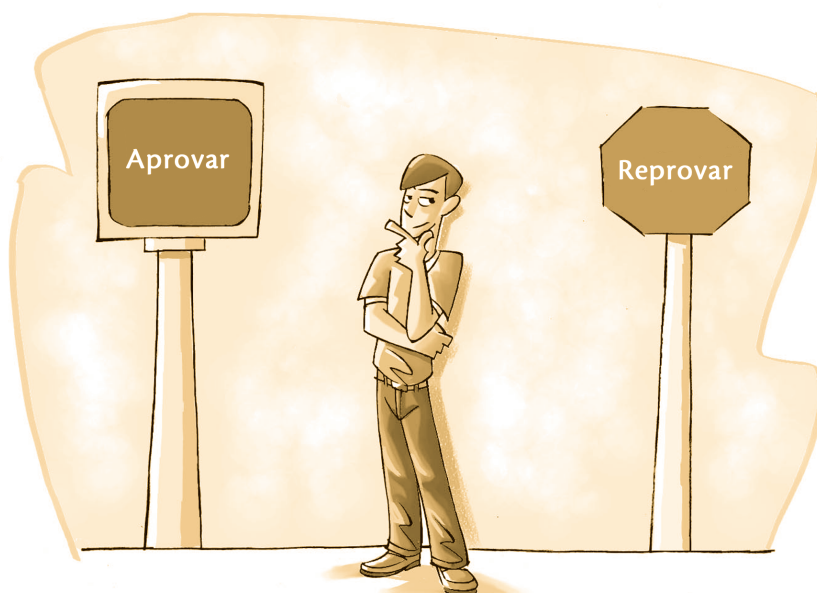
Eu acho que a avaliação é algo muito importante na escola. Sem ela, não é possível manter a qualidade do ensino, uma vez que alunos desinteressados e pouco dedicados acabam ficando na escola, prejudicando os demais. Para mim, aluno ruim não tem lugar na escola. Ninguém, em sã consciência, pode dizer que avaliou bem, se um aluno que não dominou os conteúdos previstos no currículo escolar da série que cursou passar para a seguinte. Se é, por exemplo, para aprender na 7ª série e o aluno, por uma ou outra razão, já sabia, então ótimo. Mas aprender na 8ª o que deveria ter sido aprendido na 7ª série é o fim do mundo! Cria o maior problema para o professor, que fica sem tempo de dar a matéria prevista, por estar ensinando o que já deveria ter sido aprendido.

Além disso, tem outro problema. Se você passa de ano gente que não deveria, você acaba trabalhando com turmas heterogêneas: alunos que sabem pouco misturados com alunos que sabem muito. Nada pior do que isso! É encrência na certa para a escola e, em especial, para o professor. Ele acaba tendo que se multiplicar por dez, vinte, quarenta, e você pensa que o resultado é bom? Claro que não, porque é humanamente impossível se desdobrar em quarenta. Turmas heterogêneas promovem ainda a indisciplina, porque enquanto se está ensinando os que não sabem, os mais adiantados estão sem fazer nada, só bagunça.

Quer saber? Mesmo para o aluno, se ele é um aluno fraco, é bom para ele repetir de ano: vai ter mais maturidade para valorizar a escola, vai poder rever os conteúdos com mais calma e, em especial, vai perceber que a escola não é lugar de brincadeiras e que estudar é coisa séria. Se todos os alunos passarem de ano, os que têm o mérito de se empenhar, de estudar com afinco, de fazer bonito vão se desmotivar. E o preguiçoso, o desmotivado, o faltoso, estes acabam

sendo premiados. Vão pensar assim: por que é que vou estudar, se no final todo mundo passa de ano da mesma forma? Aí virou farra!

E sabe o pior? Se a avaliação não servir para separar o bom do mau aluno, para mostrar que a escola tem critérios e que eles devem ser cumpridos, então é melhor desistir de ensinar e passar a brincar de escola, porque não há como manter a autoridade do professor. Como é que ele vai fazer os alunos estudarem, se ninguém mais tem medo das consequências da avaliação? Os pais também querem que a avaliação seja bem rigorosa. Quem é que quer filho na escola, sem aprender? Na nossa escola, a avaliação é para valer, e só passa de ano quem realmente conquistar o direito de frequentar a série seguinte. Esse negócio de avaliar só para empurrar aluno para a frente, independentemente do que sabem ou conhecem, não tem vez aqui, não.



B) Sublinhe, no texto, três aspectos que você considera mais problemáticos para a aprendizagem dos alunos.

C) Justifique sua resposta:

.....

.....

.....

.....

21. c) continuação

Comentário

É possível, em alguns aspectos, concordar com o gestor dessa escola. Ele tem razão, por exemplo, quando afirma que a avaliação é fundamental na instituição. Mas discordamos dos motivos que usa para justificar isso. Para nós, a avaliação não é importante porque separa os bons dos maus alunos. Ao contrário, ela é fundamental para que se possa promover um ensino de qualidade para todos. Tal como vemos, é a avaliação que nos indica onde estão nossos tropeços e nossas qualidades, onde precisamos investir mais e onde podemos caminhar com segurança. Sem avaliação, não saberíamos se nossos objetivos estão sendo atingidos, se eles são realistas ou idealizados, se estamos cumprindo ou não nosso papel, levando todos, na escola, a aprender. É ainda a avaliação que nos aponta quais são os conteúdos nos quais nossos alunos estão enfrentando maiores dificuldades e que precisam receber mais atenção por parte dos professores. Ela também identifica as áreas que devem ser priorizadas na capacitação do serviço dos professores, que alunos devem ir para reforço e recuperação, que métodos e práticas pedagógicas precisam ser revistos. Sem avaliação, não podemos combater o ensino ineficiente, excludente, que privilegia uma minoria.

Nas escolas que fazem da avaliação uma aliada e a usam com bastante frequência, os alunos, salvo raras exceções, cumprem com sucesso sua trajetória escolar. A avaliação constante, ou contínua, permite que um problema de aprendizagem seja prontamente percebido, de modo que podemos tomar rapidamente as providências necessárias para superá-lo. Às vezes, o problema está com o aluno, que tem um ritmo diferente da classe e precisa de mais tempo para aprender. Às vezes, está com o professor, que não conseguiu ainda encontrar a forma de melhor ensinar aquele aluno, porque cada um tem um jeito diferente de aprender. Para isso, é essencial a troca de experiência entre os professores nas horas de trabalho pedagógico

comum: um ajuda o outro, um discute com o outro, um aconselha o outro e todos podem se beneficiar da experiência alheia. E a experiência tem mostrado que é importante manter sempre o aluno na classe, mesmo com suas dificuldades, porque ele tem, sem dúvida, contribuições a dar para os colegas e porque não queremos ensinar que afastar o problema – no caso, excluir o aluno, mandando-o para outra classe ou para fora da escola – é uma boa maneira de lidar com a vida.

Isso nos leva a pensar nas classes heterogêneas, que o gestor da Escola Carlos Gomes tanto abomina. Vemos esta questão de outra forma: valorizamos a diversidade de nossos alunos, suas diferenças, seus variados modos de perceber o mundo. É na diferença que se aprende, que as trocas se tornam possíveis, que há efetiva interação. Claro que, quando a diversidade é a regra, o professor tem de ser bom para conseguir manter a classe motivada para aprender. Mas há muitos professores assim, profissionais de primeira linha, que sabem fazer uso adequado do trabalho diversificado, tirando o melhor partido das diferenças. Finalmente, achamos que é preciso deixar claro para os alunos que se estuda para se obter uma boa formação, e não para passar de ano.

O gestor da Escola Carlos Gomes confunde, a nosso ver, autoridade com autoritarismo. A autoridade do professor não é colocada em dúvida se ele é reconhecido como mestre, como alguém que assumiu o compromisso de ensinar e que o faz com sucesso. Professor que faz dos resultados da avaliação uma ameaça, uma punição ou um castigo banaliza a avaliação e, em especial, prejudica a relação com seus alunos, que deve ser pautada pela serenidade, e não pela ansiedade ou pelo medo. Quanto aos pais, concordamos com nosso colega: eles realmente querem que os professores ensinem seus filhos de modo que estes aprendam e possam seguir em frente. Ninguém quer que o filho fique marcando passo em uma só série! Afinal, a função da escola é ensinar!

Quando se explica para os pais que seus filhos fizeram progressos – porque eles certamente não passaram um ano inteiro em brancas nuvens – e que, com mais tempo e apoio da equipe escolar, vai ser possível recuperar o que faltou aprender, as famílias entendem, ficam gratas pela compreensão e passam a ser parceiras da escola. Além disso, nenhum professor mais pode se dar ao luxo, hoje em dia, de ser ingênuo: há muitos estudos demonstrando que a reprovação tem uma especial "preferência" pelos alunos mais pobres, justamente os que mais precisam da escola. Além disso, quem repete perde a confiança em sua capacidade de aprender, fica desmotivado. A consequência é que aumenta a probabilidade de vir a repetir mais uma vez.

• • •

A avaliação tem tudo a ver com a escola de sucesso, mas por outros motivos: ela nos indica em que aspectos é preciso melhorar e nos permite reafirmar nosso compromisso de ensinar mais e melhor a todos. Por este motivo, uma professora carioca, Thereza Penna Firme, escreveu um bonito artigo criticando posturas como a do gestor da Escola Carlos Gomes. Ela discute, com muita lucidez, os mitos que cercam a avaliação escolar e que precisam ser derrubados. São eles:

- ★ Os alunos não podem passar de ano, caso não dominem a matéria que foi dada.
- ★ Se todos os alunos forem promovidos, acaba o estímulo dos mais esforçados e aumenta o desinteresse dos menos estudiosos.
- ★ A qualidade do ensino diminui se todos os alunos são promovidos.
- ★ Quando todos os alunos são promovidos, muitos passam sem saber nada.
- ★ Os pais não concordam que seus filhos passem sem saber nada.
- ★ O aluno, obrigado a repetir a série, acaba tendo benefícios: aprende a valorizar a escola, ganha em maturidade e passa a se esforçar mais.
- ★ Turmas heterogêneas, em que uns sabem mais e outros muito pouco, impossibilitam um trabalho pedagógico de qualidade.
- ★ Quando todos os alunos sabem que vão passar, o professor perde a autoridade.

Como você pode ver, há mesmo muitas crenças falsas cercando a avaliação e, por este motivo, nunca é fácil falar sobre ela: são muitas as posições neste campo, desde as que acreditam na avaliação como um instrumento útil para melhorar a qualidade da educação até as que nela vêem apenas uma forma de selecionar quem fica ou não na escola. Você deve ter percebido que, quando queremos discutir avaliação, entramos em uma área cheia de controvérsias e, por isso mesmo, plena de desafios.

★ ★ ★ ★



Atividade 22

Use o que aprendeu: derrube velhas crenças!

 8 minutos

Quando terminar esta tarefa, você deve estar com os olhos bem abertos e os ouvidos afinados para identificar e discutir, com fundamento no que foi lido, algumas idéias sobre a avaliação do rendimento escolar que não

passam de mitos ou preconceitos. Como tal, são injustificáveis e devem ser sempre combatidas. Será que elas circulam em sua escola? Veja se você está em condições de pôr abaixo a idéia de que a avaliação do rendimento escolar serve apenas para separar o bom do mau aluno.

A) Complete as frases abaixo:

1 . Os alunos podem passar de ano mesmo se não dominarem toda a matéria que foi dada porque

.....
.....
.....

2. A qualidade do ensino não diminui quando todos os alunos são promovidos porque.....

.....
.....
.....

3. Não se faz nenhum bem ao aluno quando ele é obrigado a repetir a série já cursada porque.....

.....
.....
.....

4. Quando todos os alunos sabem que vão passar de ano, o professor não perde sua autoridade porque.....

.....
.....
.....

B) Compare suas respostas com as nossas, lendo os comentários.

Comentário

1. Os alunos, por mais parecidos que sejam, sempre são diferentes. No que diz respeito à escola, eles têm ritmos e modos de aprender próprios, que cabe ao professor, ou à equipe pedagógica, descobrir e orientar, sem

fazer disso um problema e, em especial, sem rotular o aluno de "lento" ou de "fraco". Qualquer um, com a ajuda de um professor competente, que diagnostique cedo os problemas de aprendizagem e conduza estudos de reforço ou recuperação, pode ir em frente em sua trajetória escolar. Lembre-se do efeito Pigmalião: acredite e faça seu aluno acreditar que sempre é possível ser um sucesso na escola.

2. As causas da má qualidade do ensino são muitas e diversificadas. Entre elas, tem-se: a) falta de clareza quanto aos objetivos da educação; b) currículo inadequado; c) métodos de ensino ultrapassados; d) más condições de trabalho docente; e) gestão escolar inadequada; f) ausência de material pedagógico rico e diversificado; g) professores pouco preparados para o ofício etc. Aluno mal preparado é efeito, e não causa, do mau ensino.
3. A reprovação é sempre ruim para os alunos, porque os leva a não acreditar em sua capacidade de aprender, reduz a auto-estima e desmotiva a aprendizagem. Com esses ingredientes, o efeito só pode ser o aumento da probabilidade de o aluno repetir novamente. Mas também o professor é atingido pelo efeito repetência: ela sinaliza sua dificuldade de ensinar bem todos os alunos. O mesmo ciclo ocorre, só que agora do lado do professor: sem acreditar que pode ensinar bem, sua auto-imagem profissional fica destruída, e trabalhar na sala de aula passa a ser algo sem qualquer motivação.
4. A autoridade do professor sustenta-se em alguns pilares: o domínio dos conteúdos que ensina, sua habilidade para levar seus conhecimentos até os alunos e a forma como se relaciona com eles. Um professor que tenha essas qualidades, que coloque todo o seu conhecimento e toda a sua experiência a serviço dos alunos é reconhecidamente um mestre, ou seja, uma autoridade valorizada e estimada. Nesse sentido, seu esforço maior é o de fazer todos aprenderem e, conseqüentemente, passarem de ano. E, se isso acontece, é porque ele é competente e responsável, o que só ajuda a manter sua autoridade em alta. Por outro lado, um professor que não conte com essas qualidades permanece no cargo por força das circunstâncias: porque prestou concurso, porque foi indicado, porque não conseguiu outro emprego. Como sempre, onde falta autoridade sobra autoritarismo. Daí o uso abusivo de ameaças, castigos e punições, tudo para se impor perante a classe. Mas vale a pena?

C) Dê cinco pontos para cada resposta em que tenha havido convergência entre nossas idéias, some-as e leia seu resultado na Tabela 1.

Tabela 1 – Analisando suas respostas

Se você obteve...	Você deve...
5 pontos	Rever suas idéias. Livre-se daquelas que o impedem de pensar grande. Mas, definitivamente, imprima uma nova postura em sua escola. Todos vão agradecer.
10 pontos	Saber que o caminho é esse aí: insista e estude um pouco mais. Identifique as razões pelas quais discordamos. Faça as leituras sugeridas no final do capítulo. Vai ajudar!
15 pontos	Reafirmar seu compromisso com a educação. Você está quase no ponto! Veja por que perdeu 5 pontos e faça uma leitura orientada, que o ajude a comparar pontos de vista.
20 pontos	Ser um mestre em avaliação em sua escola. Divulgue sua forma de encarar a questão. Vá em frente: você é um sucesso!

Avaliação não é bicho-de-sete-cabeças

Ninguém parece gostar de ser avaliado. E não sem razão: a avaliação tem sido tradicionalmente entendida como um instrumento de controle para adequar as características dos indivíduos às exigências de determinadas situações ou circunstâncias. Mas cabe perguntar: o problema é da avaliação ou do uso que dela se faz? Em nossa opinião, avaliar é condição essencial de qualquer ação intencional. Se implementamos algo, com determinados objetivos, não há como saber se os resultados esperados foram alcançados se não avaliarmos o que fizemos para chegar lá.

Como saberemos, sem avaliação, se a escola está cumprindo seu papel de formar cidadãos capazes de identificar os problemas dos ambientes em que vivem, selecionar os fatores que merecem análise mais aprofundada, raciocinar sobre eles, chegar a conclusões e decidir, com base na análise empreendida, como agir? Avaliação e escola de qualidade andam lado a lado, o que nos faz concluir que avaliar é parte essencial do trabalho docente. Mas quando a avaliação é vista como arma para ameaçar ou para punir o avaliado, podemos dizer que está sendo usada de maneira equivocada e com consequências dramáticas para alunos, professores, escolas, estados e nações. É preciso ver na avaliação uma aliada, um instrumento do planejamento escolar.

Estamos cansados de assistir de perto ao drama de crianças e jovens que viram o sentimento positivo que tinham a respeito de si escapar por entre seus dedos. Já convivemos com o desalento de numerosas famílias que se sacrificaram para mandar seus filhos à escola, tão-somente para perceber que eles não eram capazes de "acompanhar a classe". Conhecemos escolas nas quais os professores perderam o ânimo de ensinar e nos indignamos ao ver os recursos do Estado serem gastos inutilmente, com a repetência. Lemos um sem-número de estudos mostrando que quando os resultados da avaliação são negativos, não adianta punir apenas os alunos, na medida em que são eles as principais vítimas. Como evitar os efeitos perversos da avaliação? Talvez o primeiro passo seja tomar uma posição firme a seu respeito e, para isto, vale a pena rever como a escola encara a avaliação.

Avaliação: uma questão técnica ou uma arte delicada?

A ação educativa tem sempre um caráter intencional. Isso quer dizer que temos como meta provocar modificações específicas nas pessoas, em seu comportamento, suas idéias, seus valores e crenças. No espaço escolar, esperamos que nossos alunos aprendam, nossos professores ensinem melhor, os pais participem mais da escola, os funcionários exerçam bem suas tarefas, tornando-as também educativas. E queremos poder verificar se isso de fato aconteceu. Então, sempre que pensamos em evolução, mudança, transformação, é preciso pensar também em avaliação.



Vladimir Fernandes

A importância da avaliação vem crescendo na medida em que a educação ganha mais espaço. No entanto, é difícil dizer que há, hoje, apenas uma visão a esse respeito. Existem muitas concepções teóricas e muitas práticas distintas acerca do que significa avaliar. Assim, quando se fala em avaliação, precisamos esclarecer o que estamos falando. A avaliação do desempenho dos alunos deve ser entendida sempre como um instrumento a serviço da aprendizagem, da melhoria do ensino do professor, do aprimoramento da escola. Avaliamos para aumentar nossa compreensão do sistema de ensino, de nossas práticas educativas, dos conhecimentos de nossos alunos. Avaliamos também para

esclarecê-los a respeito de seus pontos fortes e fracos, dos conteúdos que merecem mais atenção, onde devem centrar esforços. Avaliação, nesse sentido, permite a tomada de consciência de como estamos nos saindo. Avaliamos para qualificar a aprendizagem, identificar problemas, encontrar soluções, corrigir rumos e acertar o passo de todos e de cada um.

★ ★ ★ ★



Atividade 23

Avaliação e melhoria da escola: exercitando o aprendido

🕒 5 minutos

Esta atividade deve ajudá-lo a perceber que a avaliação é uma excelente aliada para organizar melhor a gestão pedagógica de uma escola democrática. Vale a pena enfrentar o desafio.

Dê três exemplos de como a avaliação pode ser usada de forma muito positiva:

a)

.....

.....

.....

b)

.....

.....

.....

c)

.....

.....

.....

Comentário

Se você deu exemplos que mantêm idéias semelhantes às contidas no texto, já viu como é fácil se livrar dos mitos que cercam a avaliação escolar. E, claro, nós ficamos felizes com isso! Mas se você não captou a mensagem, não vale desanimar. Retome as atividades 21 e 22 ou consulte a bibliografia que sugerimos no final desta Unidade. Você verá que vai encontrar muitas informações úteis.

Para nós, uma avaliação positiva é aquela que serve para:

- ★ Ajudar os alunos a serem bem-sucedidos na escola e a terem acesso a todas as oportunidades educacionais disponíveis.
- ★ Capacitar os professores que precisam se atualizar quanto aos conteúdos ou aos métodos de ensino.
- ★ Diagnosticar as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem e tomar decisões para superá-las, sem medo de inovar.
- ★ Maximizar os resultados escolares, fornecendo aos alunos experiências de aprendizagem interessantes, nas quais possam adquirir conhecimentos relevantes e exercitar suas habilidades intelectuais.
- ★ Fazer da escola uma comunidade de aprendizagem.

• • •

Definido o espírito da avaliação, cabe ressaltar que ela envolve sempre dois aspectos indissociáveis. Um deles refere-se à coleta de informações relevantes e úteis, que nos permitam formar juízo acerca de uma pessoa, um fenômeno, uma situação, um objeto. Mas para que queremos formar esses juízos? Entra aqui o segundo aspecto: certamente, para que eles orientem nossas decisões.

Se você perguntar a seus professores as razões pelas quais avaliam, eles provavelmente responderão: avaliamos para julgar se nossos alunos aprenderam e se estão em condição de enfrentar, com sucesso, o próximo ano; avaliamos para verificar se nossos alunos devem ou não ir para programas de recuperação e reforço etc.. Os professores avaliam para formar juízos e tomar decisões. O problema é que acreditam, na maioria das vezes, que só alunos devem ser avaliados e que as decisões a serem tomadas dizem respeito apenas à vida acadêmica dos estudantes. Em geral, o professor, ao avaliar, raramente se inclui nesse processo. Essa é a visão que, infelizmente, vigora na maioria das escolas.

Mas há uma outra vertente, menos divulgada e quase sempre ausente das escolas, segundo a qual a avaliação – justamente por coletar informações importantes, que permitem formar juízos de valor e tomar decisões – deve ser vista como um instrumento do planejamento, uma ferramenta importante para que possamos refletir sobre onde estamos e para onde vamos. Nessa ótica, a avaliação ganha uma abrangência muito maior e, tal como a entendemos, assume importância central na escola.

A avaliação é mesmo um poderoso instrumento a serviço da qualidade do ensino. Se conseguimos identificar o que os alunos sabem e deixam de saber, estamos em condição de repensar a capacitação docente, modificar os métodos de ensino que empregamos, centrar nossos esforços naquilo

que demonstrou ser mais difícil de aprender. Tudo isso para podermos dizer que, todo santo dia, trabalhamos para que em nossas escolas todos os alunos brilhem, porque investimos forte em seu sucesso. Uma escola que faz diferença não tem medo de avaliação, porque é parceira do bom ensino. Quando conhecemos os problemas, eles podem ser enfrentados. Nessa medida, conforme apregoa o sociointeracionismo, a avaliação busca, essencialmente, acompanhar o processo de ensino-aprendizagem para poder aprimorá-lo.

★ ★ ★ ★

Atividade 24



Para que avaliar?

🕒 5 minutos

Ao fazer esta atividade, você comprovará a importância da avaliação, identificando os motivos pelos quais ela é uma poderosa arma para conhecer os aspectos em que os alunos enfrentam dificuldades, podendo, assim, superá-las. Ao conseguir aprender mais e melhor, os alunos sentem-se estimulados a permanecer na escola.

Duas professoras conversavam e diziam que agora tinha virado moda avaliar os alunos. Era um tal de avaliação para cá, avaliação para lá, que não sobrava tempo para ensinar.

Leia as frases a seguir e marque C diante das afirmativas com as quais você concorda e D diante das quais você discorda:

- a) () Avaliar é desperdício de tempo e de energia para todos.
- b) () É preciso saber quem pode e quem não pode estar na escola.
- c) () O professor experiente já sabe quem é bom aluno.
- d) () O bom professor negligencia suas tarefas de avaliação.
- e) () A avaliação permite verificar se a escola está cumprindo sua função.

Comentário

A alternativa **e** é a única em que você deve ter marcado a letra **C**. Se você a assinalou, é porque acredita que o bom ensino só se efetiva mediante avaliação. É ela que permite que verifiquemos se a escola está cumprindo sua função social: formar cidadãos lúcidos, porque bem informados; críticos, porque aprenderam a pensar indo até a raiz dos problemas identificados; éticos, porque sabem que o projeto pessoal só dará certo se inserido em um projeto social maior. Avaliar nunca é perda de tempo, nem tempo tomado

do ensinar; é tempo rico porque informativo, que nos dá indicações preciosas para corrigir nossos rumos, sempre que julgarmos necessário. Se você marcou qualquer outra alternativa com a letra **C**, precisa rever suas idéias. Sabe por quê? Simples: todo mundo merece passar pela escola e passar com sucesso; não existe o tal do "olho clínico"; avaliar é tarefa essencialmente pedagógica, e não burocrática. Quem pensa assim tem de se perguntar: por que resisto à avaliação? Por que ela me amedronta?

★ ★ ★ ★



Atividade 25

Reverendo os objetivos da avaliação

 5 minutos

Esta tarefa pretende levá-lo a identificar com maior clareza quais os objetivos da avaliação na escola. Preste atenção para não se confundir e vá em frente!

Alguns professores estavam discutindo sobre os motivos pelos quais a avaliação é algo tão importante na escola. Os principais argumentos utilizados diziam que a avaliação serve para:

- a) Conhecer as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem.
- b) Identificar os alunos que precisam de estudos de recuperação e reforço.
- c) Conhecer os professores que precisam de reciclagem* ou de capacitação docente.
- d) Analisar a natureza dos erros cometidos pelos alunos para ajudá-los a superar esses problemas.
- e) Identificar os alunos que estão indo mal na escola, para que os pais tomem providências.

Comentário

Com quais desses argumentos você concorda? Você deve concordar apenas com os quatro primeiros argumentos. Uma boa escola avalia continuamente a aprendizagem de seus alunos para melhorar o ensino que oferece. A alternativa **e** não constitui um bom argumento, pois transfere para os pais uma responsabilidade que é da escola.

● ● ●

Corrigindo e apresentando as notas

Além dos testes objetivos e das provas dissertativas, nossos velhos conhecidos, existem muitos instrumentos de avaliação: questionários, deveres de casa, trabalhos em grupo e portfólios – um tipo de pasta na qual os trabalhos dos alunos que evidenciam seus progressos ao longo do ano escolar são armazenados: textos, relatórios, redações, desenhos, auto-avaliações. Outra fonte importante para avaliar alunos é a observação dos professores sobre como as crianças e os jovens agem no dia-a-dia da sala de aula: estão aprendendo o que deles se espera? Em que ritmo? Nossos métodos de ensino têm se mostrado eficazes? Em que sentido é preciso mudar?

Avaliações sempre devem ser cuidadosas, e uma de suas preocupações principais está no processo de correção das respostas obtidas e na maneira como informamos aqueles que foram avaliados sobre os resultados alcançados. Aqui, a regra é buscar não ferir a auto-estima de ninguém. Em primeiro lugar, não convém riscar os trabalhos dos alunos, chamando a atenção para o erro. Esta é uma prática velha, que pretende deliberadamente fazer com que os estudantes fiquem envergonhados, quando não culpados, por terem errado.

Muito mais importante do que isso é identificar a natureza do erro cometido. Por que o aluno errou? Errou porque a tarefa era maçante, ele se desmotivou e com isso não terminou a contento? Ou porque queria acabar logo e não controlou a impulsividade? Ele errou porque usou uma habilidade que não era requerida? O que ocasionou a confusão? Será que o aluno errou porque não foi capaz de pôr em prática sua idéia ou porque não entendeu o que tinha de ser feito, por falta de concentração ou excesso de ansiedade? A questão era muito difícil (ou mal formulada) ou não houve tempo suficiente, antes da avaliação, para praticar e solidificar os conhecimentos solicitados? A análise da natureza dos erros cometidos pelos alunos deve ser feita pelos professores, não só para lhes informar a respeito de como podem superar os problemas encontrados como – e sobretudo – para ajustar o ensino às peculiaridades da classe. Essa é uma tarefa que o(a) gestor(a) deve incentivar.

Além disso, o professor precisa encontrar estratégias eficientes para informar o aluno a respeito do que errou e de por que errou. Ao comentar os resultados obtidos na avaliação, é importante que, ao perceber a natureza do erro cometido, o aluno entenda sua própria forma de pensar. É possível comentar com a classe os erros mais frequentes sem dizer quem os cometeu. Mais tarde, é bom manter com os alunos que se encontram em situação mais difícil um bom diálogo a respeito de como podem ser ajudados. Se não houver na própria sala de aula oportunidades de acompanhamento individualizado, são essenciais estudos de recuperação e de reforço. Atender às

necessidades de cada aluno, preservando o sentimento positivo que ele mantém a respeito de si mesmo, é algo que o professor competente faz corriqueiramente. Oriente seus professores para que:

- ★ Façam comentários curtos e encorajadores para alunos menores e comentários mais extensos para os mais velhos, detalhando seu desempenho.
- ★ Personalizem seus comentários, evitando escrever as mesmas frases para todos.
- ★ Tornem as notas (ou os conceitos) o mais significativas possível, dando maior peso aos objetivos mais importantes.
- ★ Sejam justos ao darem notas para os alunos.
- ★ Certifiquem-se de que podem justificar a nota atribuída a cada aluno.
- ★ Comentem erros específicos e apontem suas possíveis causas, fornecendo aos alunos idéias sobre como melhorar.
- ★ Concedam a todos os alunos o benefício da dúvida: todas as técnicas de avaliação envolvem erro.
- ★ Expliquem seus critérios de avaliação aos alunos e lembre-os de tempos em tempos.
- ★ Estabeleçam critérios de desempenho elevados que aumentem o nível de aspiração dos alunos, mas que não se tornem impossíveis de serem atingidos.

Muitas vezes, a família não consegue entender o que as notas ou os conceitos dos boletins significam, e isso pode gerar intensa ansiedade. É por esse motivo que as reuniões com os professores em geral são tão esperadas: nelas, há oportunidade de saber como o filho (ou a filha) está se saindo em um ambiente diferente daquele mais restrito da casa, regido por outros princípios, regras e normas. De maneira geral, cabe dizer aos pais quais os progressos realizados por seus filhos no período e demandar-lhes ajuda no que lhes é possível ajudar. Mas o sucesso desse encontro, só porque desejado, não está garantido.

É preciso pensar bem em como receber os pais e, em especial, em como lhes informar qual está sendo o desempenho de seus filhos na escola. Leve em consideração que muitos pais dificilmente poderão auxiliar seus filhos a realizar as tarefas escolares, ainda que possam estar atentos ao material, ao cumprimento das lições de casa e à frequência escolar. Nessa medida, deve ser solicitado apenas o auxílio possível, evitando criar falsas expectativas. Isso só produz frustração em ambas as partes.

Tem gente fazendo...

A Escola Estadual Manoel de Nóbrega, de São Paulo, vem analisando os resultados por ela obtidos no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saesp) desde 1996. Apesar de ter conseguido médias elevadas, superiores às do estado, a equipe escolar não ficou satisfeita. Decidiu que era preciso melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e em Matemática, nas quais os problemas eram maiores. Para tanto, várias atividades foram feitas: reuniões bimestrais com a participação de alunos e professores para identificar as principais dificuldades; encontros para elaborar e planejar a forma de implementar o plano de ação delineado, que incluía capacitar os professores em aspectos específicos dessas disciplinas, criar estudos de recuperação e reforço em horários extraclasse e incentivar a avaliação contínua* da aprendizagem.

A escola diagnosticou ainda que havia muitos alunos da noite em situação de risco – em razão das constantes faltas às aulas, pouco aprendiam. Para resolver essa questão, passou a oferecer merenda escolar aos alunos do período noturno como forma de aumentar sua concentração e motivação. Para solucionar o problema de condução, sempre superlotada, a escola conversou com os responsáveis pelo transporte escolar e ficou acordado que eles serviriam aos alunos cobrando o mesmo preço das tarifas públicas. Fazendo ponto final próximo a terminais de ônibus e metrô, eles levam os alunos direto para a escola. O sistema de monitoria foi criado: os melhores alunos passaram a atuar como auxiliares de professores, recebendo instruções específicas acerca de como ajudar seus colegas. A comunidade está aplaudindo a escola!

Avaliar é preciso!

Como você sabe, temos desde 1996 uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Diferentemente da anterior (Lei nº 5.692/71), esta é uma lei que permite ampla flexibilidade na condução dos assuntos escolares e, justamente por este motivo, vem provocando forte impacto na organização dos sistemas de ensino e das escolas. Essa flexibilidade tem uma razão de ser: pretende colocar a qualidade da aprendizagem e o sucesso do aluno acima de toda e qualquer formalidade burocrática. Por isso, ao conceder autonomia pedagógica às escolas, a LDB cria as condições legais para que elas se organizem para alcançar os objetivos e as finalidades da educação básica.

Mas para que isso venha a ocorrer de forma bem-sucedida, é preciso que a escola reflita sobre suas concepções de ensino, de aprendizagem e, em especial, de avaliação da aprendizagem. No que concerne especificamente à avaliação, cabe mencionar o artigo 24 do capítulo II, que trata da

educação básica, notadamente da organização dos níveis fundamental e médio. Interessa, em particular, o disposto na inciso V, segundo o qual a verificação do rendimento escolar deve observar os seguintes critérios:

- ★ Avaliação contínua do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, assim como dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.
- ★ Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar.
- ★ Possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, mediante verificação do aprendizado.
- ★ Aproveitamento de estudos concluídos com êxito.
- ★ Obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Afinal, o que pretende essa lei?

O que ela pretende? A nosso ver, ela toma uma decidida posição contra o fracasso escolar e, também, contra o barateamento da educação. Por esse motivo é que se espera, mais do que nunca, que os professores verifiquem constantemente os avanços e as dificuldades de seus alunos; que se avaliem – reformulando, se necessário, sua forma de ensinar – e ofereçam a eles, sempre que necessário, suporte e reforço escolar. Não esquecer que a LDB, em seu artigo 13, inciso III, deixa muito claro que compete aos docentes "zelar pela aprendizagem dos alunos". Esta é a forma de garantir o sucesso da aprendizagem e, portanto, a permanência dos alunos na escola. Assim, diferentemente do que se costuma supor, quanto maior for a flexibilidade da organização escolar, mais ela requererá avaliação do processo de aprendizagem dos alunos. Avaliações de diferentes modalidades – da aprendizagem, do desenvolvimento do aluno, do próprio ensino e, inclusive, aquelas de caráter institucional – devem receber especial cuidado por parte da escola.

Promover não é empurrar para a frente

De novo, é necessário frisar que a qualidade da escola se evidencia por meio de aprendizagens efetivas. Não se trata de corrigir fluxo e adequar a idade à série "empurrando" os alunos para a frente. Isso seria uma tragédia pedagógica, porque titularia sem formar, transformando escola em teatro, aula em farsa barata, que ilude com promessas que não pode cumprir, e teria como consequência a perda de oportunidades futuras justamente

porque se perdeu, no presente, a ocasião de aprender. É preciso levar os professores a mudarem o seu olhar. Na ótica de grande parte deles, os alunos são os principais culpados pelo fracasso escolar: desnutridos, mal-amados, repletos de problemas emocionais, com déficits cognitivos cada vez mais acentuados, constituem um grupo que melhor seria se fosse retirado da escola. Não é bem assim, não é mesmo? Os principais problemas são os de ensino, e não os de aprendizagem!

Quanto mais tempero, melhor

A escola precisa ser bem temperada, com aprendizagem apimentada, saborosa, gostosa, variada. Para tanto, os alunos precisam tomar consciência de que:

- ★ Os professores e os alunos estão nas escolas para aprender.
- ★ Aprender pode envolver erros. É errando que se aprende – e, em especial, os erros dos alunos ajudam os professores a descobrirem novas formas de ensinar.
- ★ A avaliação é algo que ajuda alunos e professores a caminharem bem na escola e não é bicho-de-sete-cabeças.
- ★ Quando aparecem dificuldades, cabe ao professor e à escola oferecer oportunidades de recuperação da aprendizagem, de modo que todos possam ter sucesso.

Na verdade, todo bom ensino começa e termina com avaliação. Aprender requer a construção de processos bem elaborados de avaliação, interferência docente precoce e sistemática, em especial junto aos alunos em posição mais frágil. Por esse motivo é que a LDB exige compromisso profissional com a prática docente, e político com a educação. Sem avaliação, ou com avaliações mal concebidas, não se monta uma estratégia de aprendizagem; e é justamente a falta dessa estratégia que leva à exclusão. O mais triste é que não existe exclusão sem inclusão. Sempre há o risco de que a delinquência, a mendicância ou a rua incluam aqueles que a escola excluiu. Esta é a dura realidade: sem avaliação não se constrói uma boa escola, e sem uma boa escola não se constróem bons cidadãos.

Nesse sentido, a avaliação deve ser vista como instrumento importante da gestão escolar. Ela mostra os pontos frágeis do ensino ministrado aos alunos, permitindo que novas formas de ensinar sejam elaboradas. Auxilia na identificação dos docentes que estão precisando de atualização profissional e pode subsidiar a definição de metas que a escola se propõe a alcançar no projeto pedagógico. Usada dessa forma, ela é tanto tarefa

pedagógica como administrativa, atividade capaz de promover o sucesso da aprendizagem e a permanência bem-sucedida de alunos na escola.



Resumo

Ao discutir, nesta Unidade, o papel da avaliação e sua importância para a aprendizagem, você deve ter notado que várias idéias se encontram em disputa, algumas delas absolutamente falsas. A avaliação busca coletar informações úteis, que permitam a você e à sua equipe tomar decisões acertadas para alcançar a melhor qualidade de ensino possível para seus alunos. Justamente por esse motivo, a avaliação deve ser vista como um instrumento do planejamento escolar: é ela que permite caminhar, com relativa segurança, em direção a nossas metas, porque elas são constantemente monitoradas. Todos esses aspectos levaram a LDB a dar ênfase à questão, salientando sua importância na promoção do sucesso e da permanência dos alunos na escola.

Prezado(a) Gestor(a), agora você está convidado a trabalhar com o Caderno de Atividades.



Leituras recomendadas

Todos os aspectos tratados nesta Unidade podem ser mais aprofundados com a leitura da bibliografia sugerida. Todos os livros recomendados são fáceis e gostosos de ler. Consulte-os, você vai gostar!

COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (Orgs.) *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996. Psicologia da Educação, v.II.

Este livro é um manual de Psicologia de Educação, que aborda, em detalhes, não só a questão da avaliação como muitos outros tópicos discutidos neste Módulo. É ilustrativo e abrangente, mas prepare-se: a leitura é técnica, o que significa que você deve estar bastante motivado quando o ler.

DEPRESBITERIS, L. *Avaliação Educacional em Três Atos*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

Vale a pena dar uma olhada neste livro, pelo tratamento original de aspectos centrais da avaliação educacional. É como ler um romance! Você se enreda na trama, que começa com um julgamento da... Nossa! Quase contamos a história, e iria perder toda a graça. Não perca a oportunidade! Aprenda sem perceber.

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação, Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

Este é um livro bem interessante que, inegavelmente, ajudará você a solidificar os conhecimentos recém-discutidos. A linguagem é agradável e a leitura prende a atenção. Não perca.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

Este é um bom e conhecido livro que defende posições semelhantes às aqui apresentadas. Lendo-o, você terá uma idéia melhor de aonde queremos chegar.

WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Manual de Psicologia da Educação que permite, de forma simples, conhecer mais sobre avaliação e outros assuntos pedagógicos. Leia, em especial, o capítulo 15 da parte 5. Ele trata de outras modalidades de avaliação e relaciona as consequências da reprovação. Mostra, ainda, a relação entre notas e motivação. É bem interessante!



Resumo final

Neste Módulo, o(a) gestor(a) teve oportunidade de entender como a relação entre desenvolvimento e aprendizagem é tratada pelas principais correntes psicológicas, de modo a discutir com sua equipe a concepção de ensino-aprendizagem que orientará o trabalho da escola. Relacionamos as condições que facilitam a aprendizagem dos alunos, no intuito de que os professores sejam cotidianamente mobilizados para construí-la em cada sala de aula. Salientamos a importância do trabalho coletivo e o papel de lideranças fortes na organização da escola – de seu ensino, de seu tempo e de seu espaço –, tendo em vista que é em uma escola ordenada e planejada que as novas gerações se apropriam do legado das precedentes. Por isso, discutimos a sala de aula e a delicada relação que nela se estabelece entre alunos, professores e conhecimentos. Finalmente, apontamos as razões pelas quais se afirma que todo bom ensino começa e termina com avaliação, salientando que os resultados obtidos por seu intermédio orientam a tomada de decisões sobre como conduzir uma escola que garanta o sucesso e a permanência de todos os que a procuram.

Glossário

Aprendizagem: apropriação e construção ativa de conhecimentos, formas de pensar, sentir e agir.

Autoconceito: imagem, negativa ou positiva, que se faz de si mesmo.

Avaliação contínua: processo por meio do qual se busca identificar, ao longo do ensino, o que e como os alunos estão aprendendo.

Avaliação de aprendizagem: processo por meio do qual se busca verificar o que os alunos aprenderam, ao final do ensino.

Behaviorismo: corrente psicológica que postula o forte papel do meio na aprendizagem dos seres humanos.

Construtivismo: corrente psicológica que parte do pressuposto de que os seres humanos aprendem e se desenvolvem por meio da ação que exercem sobre o meio físico e social em que se encontram.

Currículo: conjunto de conhecimentos e experiências socialmente valorizados, que deve ser transmitido às novas gerações.

Desenvolvimento: processo de natureza interna, por meio do qual o organismo dos seres vivos se torna cada vez mais complexo.



Interação: ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca.

Interdisciplinaridade: comunicação entre as disciplinas escolares, buscando maior integração dos conhecimentos que veiculam.

Linguagem: sistema por meio do qual as pessoas se comunicam, planejam suas ações e regulam o comportamento próprio ou daqueles com quem interagem.

Mediador: aquele que se interpõe entre dois elementos, articulando-os entre si.

Mito: idéia falsa, sem correspondência na realidade.

Motivação: aquilo que serve de incentivo para a ação física ou mental; estado interno que estimula, direciona e mantém o comportamento.

Progressão continuada: regime ou sistema que prevê avanços no percurso escolar em função da progressiva apropriação de conhecimentos.

Reciclagem: reaproveitamento, atualização

Representação: imagem que se faz de alguma coisa ou de alguém, que pode ou não se aproximar da realidade.

Sociointeracionismo: corrente psicológica que parte do pressuposto de que os seres humanos aprendem e se desenvolvem por meio da interação social com aqueles que participam de seu meio físico e sua cultura.

Temas transversais: aqueles que tratam de questões que permeiam as várias disciplinas que compõem o currículo.

Trabalho diversificado: prática pedagógica que faz uso de diferentes modalidades de ensino, de modo a atender às necessidades de todos os alunos.

Bibliografia

ABREU, M. & BALZANO, S. *Leitura da LDB para Diretores de Escolas Públicas*. MEC/Fundescola, (mimeo.), s. d.

AUSUBEL, D. P. *Educational Psychology: a cognitive view*. Nova York: Holt, 1968.

BERNSTEIN, B. Estrutura social, linguagem e aprendizagem. In: PATTO, M. H. S. *Introdução à Psicologia do Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda., 1983.

BRUNNER, J. *The Process of Education*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

BRUNNER, J. On cognitive growth. In: BRUNNER, J.; OLIVER R. R. &



GREENFIELD, P. M. (Eds.). *Studies on Cognitive Growth*. Nova York: Wiley, 1966.

CENPEC. *Raízes e Asas*. São Paulo, 1995.

COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (Orgs). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação*. v.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DANIELS, H. (Org.). *Vygotski em Foco: pressupostos e desdobramentos*. São Paulo: Papirus, 1994. 296p.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. R. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1987.

DAVIS, C.; SOUZA E SILVA, M. A. S. & ESPOSITO, Y. L. O papel e o valor das interações sociais em sala de aula, *Cadernos de Pesquisa*, (71), 1989.

DEPRESBITERIS, L. *Avaliação Educacional em Três Atos*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação, Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré- escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. (Orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotski: alguns equívocos na interpretação de seu pensamento, *Cadernos de Pesquisa*, (81):67-69, maio.1992.

OLIVEIRA, M. K. de. O pensamento de Vygotski como fonte de reflexão sobre a educação. *Cadernos Cedes*, (35):9-14, 1995.

PALANGANA, I. C. *Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotski: a relevância do social*. São Paulo: Plexus, 1994.

PERKINS, D. N.; GROTZER, T. A. Teaching intelligence and teaching for intelligence, *American Psychologist*, (52):1.125-1.133, 1996.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIAGET, J. *The Science of Education and the Psychology of the Child*. Nova York: Orion Press, 1970.



- PIAGET, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotski e seu papel na explicação do psiquismo humano, *Cadernos Cedes*, (24):32-43, 1991.
- PINO, A. As categorias de público e privado na análise do processo de internalização. *Educação e Sociedade*, 13(42):315-327, ago.1992.
- PORTELA, A. L. & ATTA, D. M. A. A dimensão pedagógica da gestão da educação. In: *Guia de Consulta para o Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação*. Brasília: Prasep, Fundescola/MEC, 1999.
- RAPAPPORT, C. R. et al. *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1984. 4v.
- SACRISTÁN, J. G. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SAMPAIO, M. M. F. A escola e suas decisões curriculares. In: *Ensinar e Aprender: reflexão e criação*. Brasília: Seep/Cenpec, 1998.
- SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: ArtMed Sul, 1998.
- SMOLKA, A. L. B. Internalização: seu significado na dinâmica dialógica, *Educação e Sociedade*, 13(42):328-335, ago.1992.
- SMOLKA, A. L. B. & GOES, M. C. R. (Orgs.). *A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar: Vygotski e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1993.
- VAN DER VEER, R. & VALSINER, J. *Vygotski: uma síntese*. São Paulo: Unimarco, Loyola, 1996.
- VYGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WERTSCH, J. V. *Culture, Communication and Cognition: Vygotskian perspectives*. Nova York: Cambridge University Press, 1995.
- WOOLFOLK, A. E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

